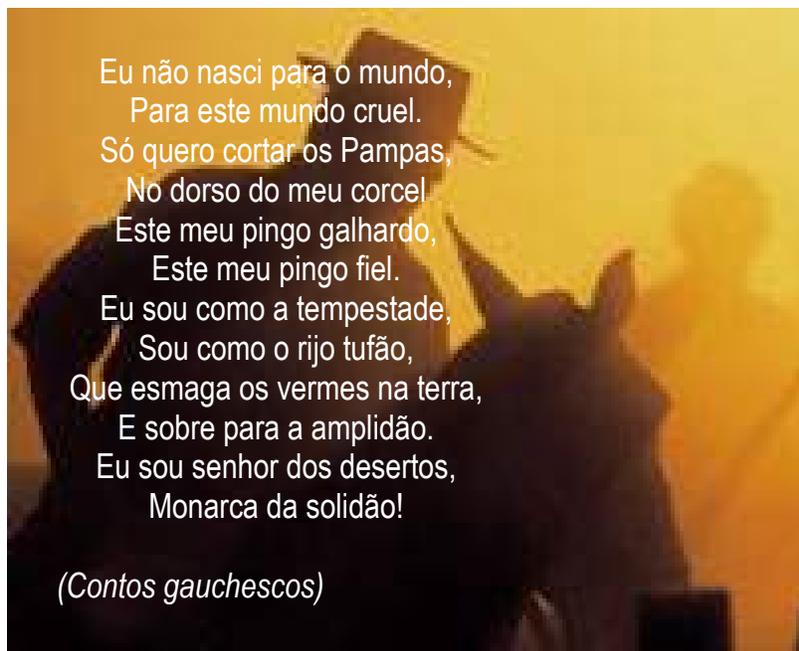


**JOÃO SIMÕES LOPES NETO:
FORÇA DA LITERATURA BRASILEIRA E LATINO-AMERICANA**



EDITORIAL

Iniciamos o mês de setembro, que tem um significado especial para o Instituto Humanitas Unisinos, pois é neste mês que celebramos o 2º aniversário da criação do IHU. E o fazemos de maneira simples, com algumas novidades. A primeira é o início de uma nova atividade, que estamos chamando de Sala de Leitura. Este evento, que iniciará no dia 30 de setembro, abrirá um espaço para que o corpo docente da Unisinos, que já publicou livros, durante o ano de 2003, ou publicará, possa apresentá-los. Esta atividade consistirá numa apresentação da obra pelo autor, a leitura, por ele, ou por quem ele escolher, de uma página do livro, um debate, finalizando com uma sessão de autógrafos, quando será oferecido um vinho de honra pelo autor.

*Uma outra novidade é a mudança gráfica do boletim **IHU On-Line**. Um novo projeto gráfico nos foi proposto pelo prof. Sérgio Endler, vice-diretor do Centro de Ciências da Comunicação, e pela Agência Experimental em Comunicação - Agexcom, da Unisinos. Agradecemos mais esta bela colaboração dos nossos colegas.*

Neste mês ainda, todas os eventos, como o IHU Idéias e o Ciclo de Estudos sobre o Brasil, passarão a ser realizados na sala 1G119, localizada junto ao IHU. No final do mês, terá lugar uma exposição do IHU no Espaço Cultural do Centro de Ciências Humanas.

Neste mês de setembro, celebramos datas de muita importância: o dia 3 de setembro, a eleição de Salvador Allende, como presidente do Chile, em 1970; o 11 de setembro, 30º ano do golpe de Pinochet e os dois anos do ataque terrorista em Nova York; o 20 de setembro, data importante para nós, que nascemos e vivemos neste nosso Rio Grande do Sul.

O tema de capa deste primeiro número do mês de setembro é dedicado a João Simões Lopes Neto. Trata-se de um escritor gaúcho, que abriu o caminho da invenção de uma linguagem típica como o fariam depois o mineiro João Guimarães Rosa e o pernambucano João Cabral de Melo Neto, segundo preciosa observação de um dos vários estudiosos entrevistados neste IHU On-Line. A relação que a Profª. Drª. Márcia Lopes Duarte estabelece entre J. Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges é simplesmente fascinante. João Simões Lopes Neto é patrimônio da cultura brasileira e latino-americana.

Saudamos também todos os participantes do III Congresso Internacional de Educação que se realiza nesta semana aqui na Unisinos e cujo tema é **Educação na América Latina nestes tempos de Império**. Acreditamos que fazer emergir a discussão na nossa Universidade de uma figura do porte de um João Simões Lopes Neto é, também, uma forma de resistência nestes tempos de Império.

A todos uma boa leitura e uma ótima Semana da Pátria.

O gaúcho que antecipou Guimarães Rosa

Na próxima quinta-feira, dia 4 de setembro, na sala 1G119, das 17h30min às 19h, **Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho** será o tema em debate no evento IHU Idéias, apresentado pela Profª. Drª. Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, doutora e mestre em Letras pela UFRGS, com tese intitulada: **Os Sussurros da Sombra: A Literatura Escrita por Mulheres na América Latina como (Sub)Versão da História**. Simões Lopes Neto foi tema de pesquisa na dissertação de mestrado da professora, com o título **Identidade na América Latina, Dois Casos Paradigmáticos: Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges**.

Nesta oportunidade, e como forma de iniciar o diálogo que terá continuidade no IHU Idéias, **IHU On-Line** publica, a seguir, uma biografia de Simões Lopes Neto, de autoria de Luiz Carlos Merten, publicada no sítio estadao.com.br, e uma série de entrevistas com diversos estudiosos do autor. A primeira entrevista foi concedida pela própria Márcia Lopes Duarte. A Profª Márcia já apresentou a obra **Os Sertões** de Euclides da Cunha no Ciclo de Estudos sobre Brasil, no dia 5 de junho deste ano. Na ocasião e sobre o tema, ela concedeu entrevista ao **IHU On-Line**, n.º 62, edição do dia 2 de junho de 2003, página 20.

Para seu biógrafo, Carlos Reverbel, autor de *Um Capitão da Guarda Nacional - Vida e Obra de J. Simões Lopes Neto*, o autor gaúcho foi "um homem derrotado" e "um escritor vitorioso". Quando ele morreu, em 1916, aos 51 anos, apenas três de seus livros haviam sido publicados: ***Cancioneiro Guasca*** (1910), ***Contos Gauchescos*** (1912) e ***Lendas do Sul*** (1913). ***Casos do Romualdo*** e o primeiro volume de ***Terra Gaúcha*** surgiram só muito tempo após a sua morte, nos anos 1950. A revalorização desse escritor fundamental é um fenômeno mais recente. Passa pelos estudos críticos de Flávio Loureiro Chaves, Lígia Chiappini e do próprio Reverbel. Transformando o regional em universal, a obra de Simões tem como pedra de toque o personagem Blau Nunes, que muitos críticos consideram o avô, sem filho, do Riobaldo de João Guimarães Rosa.

Esses Joões são autores de obras notáveis. A de Guimarães Rosa já se credenciou à admiração do Brasil e do mundo. Maior que o amado Jorge, Guimarães esculpiu um universo - chamado de rosiano - que não repousa só na singularidade de um falar poético, alheio ao ouvido urbano e sempre reinventado, mas também na vontade de dar sentido filosófico a tudo aquilo que, num primeiro momento, parece apenas observação de tipos, costumes e geografias do interior mineiro. Há que (re)descobrir agora J. (de João) Simões Lopes Neto. Talvez não seja tão imenso quanto Rosa, mas Blau, o herói de Simões, desbravou a trilha que Riobaldo percorreu para se eternizar como uma das figuras emblemáticas das letras nacionais. Pode contribuir para isso a nova edição de ***Contos Gauchescos e Lendas do Sul***, num único volume da Globo, que inclui o glossário de Aurélio Buarque de Holanda.

Na orelha, e desta vez é preciso prestar atenção na orelha, Nei Duclós, o poeta de Outubro ("Lento e bruto eu mudo/Sei que vem outubro"), escreve que o gaúcho brotou da guerra e encontrou sua melhor morada na literatura de J. Simões Lopes Neto, que define como "refúgio de refinado acabamento". Vale falar um pouco sobre o homem, até como forma de iluminar o artista.

João Simões Lopes Neto nasceu em Pelotas, em 1865. Era uma cidade avançada em sua época, enriquecida pela exploração do charque e por um primórdio de industrialização. O menino João, descendente do visconde da Graça, nasceu numa estância, mas não poderia ser definido como um homem do campo. Estudou no Rio e, quando voltou para casa, dilapidou a fortuna familiar em empreendimentos desastrosos, que o levaram a morrer pobre. Passou pelo jornalismo sem fazer um grande nome. A reputação lhe veio após a morte.

Esse homem urbano e polido não tinha nada a ver com a imagem que se faz, tradicionalmente, do gaúcho campeiro, ou pampiano, para usar-se uma terminologia do Sul. Talvez por influência das lembranças de infância, seu primeiro encontro com a tradição cultural deu-se por meio do ***Cancioneiro Guasca***, que suscita reservas de alguns historiadores, mas tem o mérito de colocar João na vertente que o fará famoso. O ***Cancioneiro*** é uma tentativa de transcreever e codificar o acervo poético de origem popular no Rio Grande.

Mesmo fazendo ressalvas quanto ao critério seletivo de Simões Lopes Neto, o folclorista Augusto Meyer destaca seu esforço em reunir, com método, o material que andava esperso, salvando muita coisa da tradição oral gaúcha, ameaçada de esquecimento.

Guia de viagem - O resgate do *Cancioneiro* preparou o autor para a aventura dos ***Contos Gauchescos*** e das ***Lendas do Sul***. Simões Lopes Netos abre os contos gauchescos com a apresentação de Blau Nunes, que será o avô de Riobaldo. Define o vaqueano como seu guia na longa viagem pelo Rio Grande do Sul e fornece suas características físicas: chama-o de "genuíno tipo crioulo rio-grandense", "guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável, dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo

vivo e pitoresco dialeto gauchesco". Termina a apresentação com um "saudoso Blau!" E pede ao leitor: "Patrício, escuta-o."

A partir daí, Flávio Loureiro Chaves reconhece nos **Contos Gauchescos** e nas **Lendas do Sul** "uma característica documentária que vai da linguagem dialetal até a fixação de um código ético específico, passando pelo registro histórico e a fotografia duma tipologia social". Tudo isso contribui para a definição do texto dentro da corrente do regionalismo, que era a tendência predominante em boa parte da literatura brasileira do mesmo período, podendo citar-se a vertente do naturalismo aberta por Euclides da Cunha com **Os Sertões**. Essa preocupação com a documentação e a interpretação da realidade circundante é uma das características da literatura de João Simões Lopes Neto. Mas o autor lhe acrescentou uma ideologia que, desde o romantismo, com José de Alencar e seu **O Gaúcho**, envolvera o habitante dos pampas numa aura heróica.

É na convergência de todos esses elementos culturais que se delineia a figura de Blau Nunes, o vaqueano que Antonio Candido define como o Marlowe gaúcho, observando que ele "se situa dentro da matéria narrada e não raro do próprio enredo", levando à dissolução, "do homem culto no narrador rústico".

Ampliando o discurso crítico de Antônio Cândido, Flávio Loureiro Chaves afirma que a verossimilhança dos contos (gauchescos e do Sul) está na inteira dependência desse recurso narrativo. O relato do vaqueano integra tudo ao universo da experiência individual e une o conjunto de episódios "numa espécie de fio subterrâneo". Podem-se ler as aventuras de Blau como episódios autônomos ou como um romance psicológico. O homem que recorda ingressa numa solitária epopéia em busca da própria identidade.

Loureiro Chaves afirma que, até surgir **O Continente**, de Érico Veríssimo, primeiro volume de **O Tempo e o Vento**, em 1949, Blau se constitui no único personagem fornecido pela ficção sul-rio-grandense ao contexto maior da literatura brasileira. O autor transforma elementos localistas em metáforas em 'causos' como *Trezentas Onças* (dos Contos Gauchescos) e *A Salamanca do Jarau* (de Lendas do Sul). Esse último já existia, trazido ao Rio Grande pela tradição ibérica. Simões Lopes Neto criou um texto inteiramente novo, não só pela via da linguagem literária e de sua inserção nos pampas, mas por haver transformado Blau no protagonista da história do homem arrastado à destruição pela mulher metamorfoseada em animal demoníaco. (Re)ler João Simões Lopes Neto é (re)descobrir, na raiz, a força da literatura gaúcha.

SIMÕES LOPES NETO E A INVENÇÃO DO GAÚCHO

Entrevista com Márcia Lopes Duarte

IHU On-Line – Seguindo o tema do próximo evento, parece que o gaúcho foi inventado por Simões Lopes Neto...

Márcia Lopes Duarte- Em certa medida foi. O gaúcho, tal com nós o concebemos, com aqueles valores foi inventado pela literatura e, dentro do RS, marcadamente por Simões Lopes Neto. Tanto que o gaúcho que vai ser recuperado por Érico Veríssimo em **O tempo e o vento** é o gaúcho de Lopes Neto. Esse gaúcho histórico que existiu em um certo momento na formação dos estados do sul e da América Latina, se perde e o que passa a existir é uma invenção da literatura, que está muito ligada a toda uma problemática da identidade latino-americana. A América Latina trabalha muito com a reinvenção, desde o início de nossa história. Sempre estamos reinventando nossa própria identidade. O "gaúcho típico" de nossa cultura foi inventado por Simões Lopes Neto. Os valores que até hoje são cultuados nos Centros Tradicionais Gaúchos (CTGs) são passados pela literatura, e não pela história.

IHU On-Line- Simões Lopes Neto é um bom exemplo para ver como a literatura influencia na construção da identidade?

Márcia Lopes Duarte- Com certeza. Ele forja essa identidade, e os valores por ele apresentados, reforçados depois por outros autores constituem a própria identidade do gaúcho.

IHU On-Line- Por que escolheu a comparação de Lopes Neto com o escritor argentino Jorge Luis Borges?

Márcia Lopes Duarte- O meu trabalho na pesquisa de dissertação do mestrado foi basicamente sobre a identidade na América Latina, e eu escolhi esses dois autores, porque são bem significativos de um determinado lugar: Borges, falando da pampa argentina, e Simões Lopes Neto, do RS. O que eu quis mostrar é que os elementos e valores tratados na obra desses dois autores são muito similares, embora não consideremos que a literatura brasileira tenha muita sintonia com a hispano-americana. Através desses dois autores, percebemos que existem muito mais trocas simbólicas do que poderíamos imaginar. Nos textos em que ambos recuperam a gauchesca, existe uma série de valores que são os mesmos, que eu denominei de mundo do gaúcho. Esse gaúcho transita de um lado para outro da fronteira e, nessa ânsia de perceber a literatura do RS como brasileira, fazemos de conta que tal trânsito não existe.

IHU On-Line- Quais seriam esses valores comuns entre o gaúcho de Lopes Neto e o de Borges?

Márcia Lopes Duarte- A questão da violência como uma das formas de agir no mundo. O tratamento da mulher: ela não aparece dentro daquele mundo extremamente masculino, ou aparece como um objeto que acaba por ser um prêmio, em alguns momentos, como no caso do conto *Negro Bonifácio*, no qual a mulher acaba sendo uma recompensa para o mais valente. O tempo e o espaço são tratados pelos dois autores da mesma forma. O espaço é ilimitado, e a simbologia dessa falta de limite vai existir nos dois casos. O tempo é sempre circular. Nas lendas de Simões Lopes Neto, isso fica muito claro; há evidência desse tempo circular também nos contos de Jorge Luis Borges que não têm como tema a gauchesca, por exemplo, o conto *Ruínas circulares*, no qual um homem que sonha um homem que sonha um homem, em uma circularidade infinita...

IHU On-Line- De que maneira se relacionam regionalismo e utopia no autor em questão?

Márcia Lopes Duarte- O regionalismo está sempre ligado a uma perspectiva: reconstruir o próprio lugar. Há um regionalismo mais raso que vai pensar só em apresentar o lugar, uma descrição mais pitoresca. Mas, o mais aprofundado busca uma reconstrução, que vai sempre em direção à utopia, a um lugar que não é meramente o próprio lugar, e sim uma possibilidade de, por exemplo, construir uma identidade mais fraterna, mais justa. Em Simões Lopes Neto, esse modelo de gaúcho que ele apresenta, seria a figura exemplar do Blau Nunes. Ele apresenta um espaço que fica muito claro no texto, mas ele tem vontade de que se perpetue e acabe sendo utópico, porque é a realidade mais aquilo que o narrador dos contos gauchescos gostaria de ver colocado nela. O conto que descreve isso muito bem é *Trezentas onças*, em que o personagem passa pela possibilidade de ficar rico e ter tudo o que quiser e acaba voltando a ser um gaúcho pobre que não realizou todos os seus sonhos, mas que continua sendo íntegro. Há uma fusão do espaço real com a utopia da integridade. Nesse sentido, o regionalismo contribui para a busca de um lugar que é mais que a própria região.

IHU On-Line- O que se sabe do comprometimento sociopolítico do autor?

Márcia Lopes Duarte- Em termos de literatura, ele foi muito além do seu tempo. Ainda hoje falta estudar a fundo Simões Lopes Neto e descobrir o quanto ele foi desbravador do texto literário. Tanto que ele é matriz de muita coisa que está em Guimarães Rosa, por exemplo, e o próprio Guimarães se refere a isso. Sobre sua vida, muitos acontecimentos são desconhecidos. Não consta, que eu tenha notícias, que ele tenha lutado por ideais revolucionários. Parece-me que ele era bem inserido em seu tempo, numa sociedade bastante conservadora como a de Pelotas.

IHU On-Line- Qual o reconhecimento dele na literatura brasileira em geral?

Márcia Lopes Duarte- Ele foi reconhecido um pouco porque influenciou a obra de Guimarães Rosa e uma vez que Guimarães Rosa foi reconhecido, por tabela, ele também o foi, mas não é muito lido no resto do País como um grande autor. Ainda precisa haver um estudo mais sistemático da obra dele. Acho que é uma falha estudar Simões Lopes Neto sempre pelo viés do regionalismo. A obra dele é só inserida no RS, quando se poderia pensar em relacioná-lo com autores universais. Estudá-lo só como um autor gaúcho, em uma certa medida desmerece a obra dele. Ele é um autor universal.

IHU On-Line- De que forma ele pode nos ajudar a entender o RS de hoje?

Márcia Lopes Duarte- É necessário desconstruir essa identidade, pensando, por exemplo, em questões que já estão em Simões Lopes Neto, como a da terra, que até hoje ainda não está resolvida e que já estava presente em seus textos. Não foi esse o viés que passou para a cultura, e sim o do gaúcho valente, que sobrevive às adversidades, a partir de uma série de valores que estão ligados à terra. É necessário aprofundar essas questões. Saber que o autor tem muito clara a existência da posse da terra, que é garantida por alguns elementos, mas que isso pode ser contestado em alguns momentos. Há que tentar desconstruir a leitura do texto e não ficar nesse mundo mítico, do gaúcho como um modelo. Há que tentar ver como ali já estão postas as questões que hoje vão sendo balizadoras de nossa condução como gaúchos, sem separatismo. Refletir como essa identidade tem a possibilidade de nos conduzir a pensar uma sociedade mais humana.

UM ESCRITOR DE FINA ESTAMPA

Entrevista com Tabajara Ruas

*Tabajara Ruas, gaúcho de Uruguaiana, é escritor, tradutor e roteirista de histórias em quadrinhos, televisão e cinema. Participou dos filmes **Kilas**, **O mau da fita**, **Anahy de las misiones** e **O dia em que Dorival encarou a guarda**. Publicou, em diversos jornais, o folhetim **A segunda existência de Terry Lennox**. Estudou arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Dinamarca. Entre suas obras citamos **A Região Submersa**, **O amor de Pedro por João**, **O Fascínio**, **Netto perde sua alma**, **Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez**, e **A cabeça de Gumercindo Saraiva**, todas publicadas pela Editora Record. Exilado entre 1971 e 1981, Tabajara morou em diversos países: Chile, Argentina, Dinamarca e Portugal. Como escritor, colaborou com jornais e revistas brasileiros e em mais de uma dezena de especiais para a TV. Recebeu prêmios nos Festivais de Locarno, Biarritz e Lisboa. Atualmente trabalha como publicitário. Além da entrevista que nos concedeu, reproduzimos, logo a seguir, o artigo "Um gênio desconhecido" publicado no jornal Gazeta Mercantil.*

IHU On-Line- O ineditismo de Simões Lopes Neto, na cena literária brasileira, parece inversamente proporcional ao interesse acadêmico pela sua obra. Como escritor, o que lhe parece essa situação, como ela pode ser explicada?

Tabajara Ruas- É porque os escritos são de “fina estampa”, a escrita dele não é do tipo popular. Pelo contrário, é das mais refinadas da língua portuguesa, sua palavra é refinada. Acho que ele não é popular por essa razão. Sua obra narra a vida das classes baixas, pobres, mas é de alto nível intelectual.

IHU On-Line- O senhor acha que estamos vivendo, ou na iminência de viver, um período mais favorável à literatura e à cultura gaúchas? Nesse caso, Simões Lopes Neto poderia ocupar o lugar merecido?

Tabajara Ruas- Pode ser. Essa edição da obra dele, com, o apoio da Copesul, pode chegar em um momento mais favorável para a cultura gaúcha. Mas a verdade é que há muitas edições da obra de Simões Lopes Neto, e a distância dele à média dos leitores continua grande. Acho que essa distância persiste porque ele praticamente inventou uma linguagem. O mesmo ocorreu com João Guimarães Rosa e com João Cabral de Melo Neto, que também inventaram uma linguagem, sendo que o gaúcho antecedeu aos demais na sua criação. Todos eles não são fáceis de ler. Em todo o caso, a recente **Casa das Sete Mulheres**, série transmitida pela TV Globo, ajudou a divulgar a cultura gaúcha, tornando conhecidos os nossos mitos. Mas a televisão tem limitações artísticas, como se sabe, precisa fazer concessões à massa de telespectadores. Em todo o caso, é bom a gente não esquecer que o Rio Grande do Sul não se limita à **Casa das Sete Mulheres**, e a literatura gaúcha não precisa provar mais nada para ninguém, temos muitos escritores consagrados e talentosos.

IHU On-Line- O senhor acha que, guardadas as diferenças entre os gêneros, há/pode haver um Simões Lopes Neto ainda desconhecido com a mesma qualidade do contista, na sua obra como dramaturgo ou cronista?

Tabajara Ruas- Eu não conheço a dramaturgia produzida por Simões Lopes Neto para opinar. Ela é pouco conhecida. Suas peças foram encenadas na época, mas a publicação delas só ocorreu postumamente. A propósito disso, eu tenho notícias de que o grupo musical “Tambo do Bando”, reconhecido pelo seu talento, está preparando uma viagem pelo interior do Rio Grande do Sul, deslocando-se de carreta, apresentando a obra de Simões Lopes Neto, dramatizando, contando seus “causos”. Será algo como um teatro mambembe, que seus integrantes estão chamando de “musical pampiano”, com o título de *Causos e Milongas*.

IHU On-Line- De que maneira se manifestam, na sua obra, as posições políticas e sociais de Simões Lopes Neto?

Tabajara Ruas- Creio que a obra dele tem um traço de denúncia social, seus contos são violentos. *O Negro Bonifácio*, por exemplo, é de uma violência enorme. Não deixa de ser uma denúncia sobre o racismo. Acho que a obra de Simões Lopes Neto mostra a vida dos excluídos, dos despossuídos. Não por acaso, creio, o seu conto mais popular é o *Trezentas Onças*, um relato sentimental da fraternidade campeira, de atitudes já quase inexistentes. *O Negrinho do Pastoreio*, outro conto também bastante popular tem a sua violência amenizada com a introdução da figura da Nossa Senhora. Nas suas versões populares, essa lenda, narrada por Simões Lopes Neto, não continha a figura da santa, como já demonstrou o pesquisador Nico Fagundes. A propósito da história do *Negrinho*, estou escrevendo um

roteiro para um filme sobre ela. Se tudo correr bem, até setembro ou outubro de 2004 a captação de recursos deverá ter sido feita, e a filmagem estará em andamento.

“SIMÕES LOPES NETO NÃO FOI ESQUECIDO”

Entrevista com Célia Dóris Becker

A professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, Célia Dóris Becker, trabalha com Literatura Gaúcha e Literatura Infantil. Mestre em Linguística e Letras, com dissertação intitulada Histórias que contam a história: A História do Brasil na literatura para crianças, Célia Dóris conversou com IHU On-Line sobre Simões Lopes Neto.

IHU On-Line - De que forma se dá mais claramente a importância de Simões Lopes Neto para a literatura gaúcha? Que aspectos ele aborda que marcam seu diferencial?

Célia Dóris Becker - Em se tratando de Simões Lopes Neto, eu diria que sua importância cruza as fronteiras do Rio Grande do Sul, da literatura aqui produzida. Vou me ater aos **Contos gauchescos** e **Lendas do Sul**. Ele merece destaque dentro da literatura brasileira. Inserido em uma de suas vertentes, a regionalista, considerado por alguns como pré-modernista, tem recebido de parte da crítica o reconhecimento meritório, pela produção realizada. Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, ao se debruçar sobre a obra do escritor, considera-o “a manifestação mais sugestiva do regionalismo do Brasil.” Antonio Candido afirma que o regionalismo de Simões Lopes Neto constitui um instrumento de descoberta pela identificação máxima do narrador dos contos — Blau Nunes, criado pelo autor — com o universo da cultura rústica”. O responsável pela narrativa “se situa dentro da matéria narrada, e não raro, do próprio enredo”. Isso favorece a aproximação daquilo que se conta ao leitor. Este, por sua vez, não só se vê representado no texto como também percebe, nas narrativas, a linguagem com que se comunica, o mundo que o rodeia. Simões Lopes enseja ao leitor, a partir do folclórico, a compreensão do homem como ser universal que se oculta no tipo gaúcho. Isso fica bem registrado nas palavras de Celso Pedro Luft: “O gaúcho de Simões Lopes Neto não é apenas o ser pitoresco, de poncho, pala, bombachas, botas e esporas, de tanto regionalismo epidérmico: é o homem eterno com suas alegrias e dores, façanhas e covardias, rompantes e dramas.”

IHU On-Line - Em um artigo publicado recentemente na imprensa nacional, Tabajara Ruas coloca Lopes Neto no mesmo patamar de Guimarães Rosa e Machado de Assis. Como a Sr^a. vê essa comparação do ponto de vista literário brasileiro? Ou essa comparação é fruto do nosso bairrismo? (o artigo referido está sendo publicado neste número do IHU On-Line)

Célia Dóris Becker - Na década de 70, Paixão Cortes sempre iniciava um programa radiofônico dominical com uma citação (fico devendo o nome do autor dessa frase): “Nada mais universal que o folclórico, nada mais regional que o folclórico. São universais os elementos, são regionais as combinações.” A pergunta me fez lembrar esse pensamento. O posicionamento de Tabajara Ruas, a meu ver, remete à matéria de que se apropriam Simões Lopes e Guimarães Rosa para a construção das personagens, de sua psicologia, de suas manifestações: o folclore. Nessa matéria, a linguagem constitui elemento relevante. Por esse viés, torna-se possível aproximar as produções de Simões Lopes Neto e de Guimarães Rosa, ressaltando-se as características particulares de cada um. Simões Lopes Neto revela, pela imitação, na linguagem popular, o pitoresco; Guimarães Rosa trabalha

artisticamente a linguagem, incluindo-se aí a regional. O leitor atento verifica que, nos dois escritores, o registro da fala enriquece o relato, assegura a originalidade das representações do homem e de seu mundo, na diversidade que caracteriza o povo brasileiro. É só ler os trechos: “ — Vancê pare um bocadinho; componha os seus arreios, que a cincha está muito pra virilha. E va pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de prosa àquele andante... que me parece que estou conhecendo... e conheço mesmo!... o índio Reduzo, que foi posteiro dos Costas, na estância do Ibicuí. [...] (*Melancia – Coco verde*. IN: LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo.1984, p.66). “A’ pois, eu vou bebendo, mecê não importa. Agora é que tou alegre. Eu cá também não sou sovina, de-comer e cachaça é pra se gasta e logo, enquanto que a gente tem vontade...É bom encher barriga. Cachaça muito boa, tá me fazendo falta. Eh, lenha ruim, mecê tá chorando dos olhos com essa fumaceira...Nhem? É, mecê é quem tá falando. Eu acho triste não. Acho bonito não. (*Meu tio o Iauaretê*. IN: Estas Estórias. **Revista Senhor**, março 1961)

IHU On-Line - No mesmo artigo, o autor menciona que Guimarães Rosa lia Simões Lopes Neto. Esse fato é conhecido no meio literário? Lopes Neto pode ter exercido alguma influência em Guimarães Rosa?

Célia Dóris Becker - Em 1908, nascia Guimarães Rosa; Simões Lopes Neto por essa época já desenvolvia suas atividades como escritor e jornalista. De acordo com a pesquisa realizada por Cláudia Rejane Dornelles Antunes, o conto *Negrinho do Pastoreio* foi publicado em jornal em 1906, a *Mboitatá*, em 1909, *A Salamanca do Jarau*, em 1913. Em 1912, dois de seus livros— **Cancioneiro Guasca** e **Contos gauchescos**— já haviam sido publicados; em 1913, seria a vez de **Lendas do Sul**. Em 1916, Olavo Bilac teceu comentários sobre *O Negrinho do Pastoreio*. Em 1918, de acordo com a mesma pesquisadora, o nome de Simões Lopes Neto aparece citado na **Bibliografia do conto brasileiro**. Em 1933, o crítico Agripino Grieco inclui a obra de Simões Lopes Neto em sua **Evolução da prosa brasileira**, enfatizando a importância de *A Salamanca do Jarau* e de *O Negrinho do Pastoreio*. Consta, também que Edgar Cavalheiro inclui Simões Lopes Neto no rol dos grandes contistas brasileiros, ao citá-lo em **As obras primas do conto brasileiro**, obra publicada em 1943. Não sou especialista em Guimarães Rosa, apenas uma admiradora de seus inúmeros contos, mas, em vista dos elementos que apresentei, acredito que Guimarães Rosa, leitor ávido por descobrir as formas de representação do homem brasileiro, com certeza deve ter encontrado um rico manancial.

IHU On-Line - Por que Simões Lopes Neto caiu no esquecimento e ocupou um lugar tão pequeno no imaginário literário brasileiro?

Célia Dóris Becker - O levantamento feito por Cláudia Rejane Dornelles Antunes revela que a importância de Simões Lopes Neto já havia sido reconhecida em vida tanto pela crítica quanto pelo público. Quando de sua morte, vários jornais registraram o sucesso do escritor. Ele não ficou esquecido. Seus contos foram sendo publicados isoladamente em vários periódicos e em vários pontos do país, a crítica se ocupou de sua produção. Em 1916, os contos de Simões Lopes Neto foram publicados pela Livraria Universal, a casa editorial mais importante do Rio Grande do Sul. Com a decadência dessa casa editorial, a Livraria do Globo, em 1925, adquiriu os direitos autorais das obras de Simões Lopes Neto, lançando ao mercado **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**, em um só volume. Em 1945, Carlos Reverbel concretizou o relançamento dessa obra. O leitor curioso que se dispõe a estudar literatura, percebe que Simões Lopes Neto se destaca na constelação dos escritores que se detêm na diversidade dos tipos humanos que compõem o povo brasileiro.

IHU On-Line - Qual a importância de Lopes Neto e como se dá o seu registro da história do Rio Grande do Sul repassada às crianças?

Célia Dóris Becker - Acredito que a primeira parte da pergunta já tenha sido respondida ao longo das questões anteriores. Quanto ao segundo item proposto, são necessárias duas considerações. Em primeiro lugar, a função da literatura não é o registro da história. Sua função é outra. Lembrando o velho Aristóteles, "não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer." Há, em alguns contos, como pano de fundo, o elemento histórico, veja bem, como pano de fundo. Na realidade, o que predomina é o ficcional, aquilo que poderia ter acontecido, focalizado, a partir, muitas vezes, do ponto de vista de um narrador testemunha que joga com o aspecto emocional, particular da situação. Em segundo lugar, a produção de Simões Lopes Neto não se destina ao público infantil. A produção direcionada ao público infantil exige uma especificidade que o texto de Simões Lopes Neto não apresenta.

"TÁ NA HORA DO BRASIL FESTEJAR SIMÕES LOPES NETO"

Entrevista com Paulo Bentancur

*Está previsto para este mês de setembro, o lançamento de um volume que reúne toda a obra de Simões Lopes Neto. A Editora Sulina, de Porto Alegre, com o apoio da Copesul, e com coordenação editorial do escritor Paulo Bentancur são responsáveis pela realização da tarefa. Além dos dois livros famosos do autor, mais cinco livros compõem o volume: **Cancioneiro Guasca**, recompilação de canções regionais, também publicado em vida, além de **Contos Gauchescos**; **Terra Gaúcha**, ensaio; **Lendas do Sul**, três lendas populares prodigiosamente reescritas; **Teatro**, reunião de suas peças e operetas e **Extraviados**, artigos e crônicas dos diversos jornais em que trabalhou, formando um volume de mais de mil páginas.*

*Sobre a publicação e a importância da obra de Simões Lopes Neto, IHU On-Line conversou com o escritor Paulo Bentancur, organizador do volume. Paulo Bentancur nasceu em 1957, em Santana do Livramento. Tem publicado crítica literária com regularidade na imprensa do País (**Jornal do Brasil**, **Zero Hora**, **Vox**). É o autor de **Instruções para Iludir Relógios**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994; **Os Livros Impossíveis**. Edições 00h00.com, 2000 e **Frio**. Porto Alegre: Sulina, 2001.*

IHU On-Line - O senhor está coordenando a edição de um livro com a obra completa de Simões Lopes Neto, uma iniciativa inédita. Por que o RS demorou tanto para dar essa atenção a um dos nossos mais reconhecidos autores?

Paulo Bentancur - A demora não foi do RS, foi dos editores, acostumados a comer moscas. O Estado sempre teve em Simões Lopes Neto uma figura mais que admirada, querida. Mas o mercado editorial, tímido, e os editores, pouco ousados, não se atreveram a reunir o material todo, que não é pouco.

IHU On-Line - Alguns dos textos são inéditos? Trata-se, de fato, de toda a obra do autor? Como o livro será estruturado, o que terá mais destaque?

Paulo Bentancur - Há textos já publicados mas que possuem um caráter de ineditismo, porque foram mal publicados ou publicados incompletos, como a série **Balas de estalo**. Há a reposição no mercado de edições que já estavam esgotadas, como **Terra gaúcha**, ensaio histórico sobre a formação do Rio Grande, e **Teatro**, com as comédias provocantes de Simões Lopes Neto. Mas o inédito mesmo é o conjunto que intitulei de **Extraviados**, juntando artigos, pequenos poemas e alguns contos veiculados na imprensa pelotense e até agora não tendo vindo à luz em livro.

IHU On-Line - Como foi feita a pesquisa? Há muito material jornalístico que nunca foi republicado?

Paulo Bentancur - A Biblioteca Pública do Estado tem material doado por Carlos Reverbel, o grande responsável pela valorização do criador de Blau Nunes. Ali encontrei indícios de onde achar textos simonianos até então ocultos. Fui a Pelotas e lá conheci um dedicado pesquisador, Luís Borges, que há vinte anos respira Simões Lopes Neto. Sua ajuda foi impagável. Sim, há muito material que nunca foi republicado, mas a maioria desse material não tem relevância literária, foi preciso descartá-lo. O próprio Simões me mataria se eu levasse em consideração dezenas de artigos que nos jornais da época fotografei digitalmente.

IHU On-Line - Dos textos desconhecidos do grande público, quais o senhor destacaria? Quais os que lhe parecem mais importantes, originais, curiosos?

Paulo Bentancur - No sétimo livro do volume *Obra completa* (volume que tem exatas 1.072 páginas), o *Extraviados*, há uma crônica chamada *A recolhida* que é uma tocante e irretocável descrição da reunião da tropa de gado que é levada para a mangueira. Pela precisão e força poética da cena, a gente lembra do Guimarães Rosa narrando os cenários do sertão das Gerais, escritor tão justamente festejado pelo País todo. Tá na hora do Brasil festejar o João Simões.

IHU On-Line - Qual a relação de Simões Lopes com a literatura brasileira?

Paulo Bentancur - É um pré-modernista, contemporâneo do urbano Lima Barreto e do enlouquecido Augusto dos Anjos. Que trio! Desigual, incomparável, e definitivo. Simões Lopes não chegou a deixar herdeiros literários. Figura isolada, não constitui um sistema literário, o que não lhe diminui o mérito. Talvez, ao contrário, o aumente. Sua obra, solitária, é produto de talento irrepetível, e um pastiche do que ele fez gera um regionalista restrito a uma fala e a uma gente específicas demais para atingir o universal. Ele levou isso a um grau tão elevado de cristalização estética que ultrapassou qualquer fronteira que se possa apontar.

IHU On-Line - O que tens a dizer sobre o posicionamento político de Simões Lopes Neto? Sendo ele natural da cidade de Pelotas, o que isso significou e como aparece na sua obra, incluindo aí também a questão social?

Paulo Bentancur - Era um ufanista, para começar. Mas isso se vê nos artigos, não na ficção. O mundo das charqueadas, tão indicativo do ciclo econômico-social daquele meio, está inexplicavelmente ausente de sua obra. Talvez lhe interessasse tão-somente os tipos humanos, as histórias que se contavam, e se multiplicavam entre gerações, as lendas e casos de galpão, as figuras dos gaúchos tanto nas lides quanto nas batalhas. Mas batalha, nele, é antes luta individual de sobrevivência do que aceno político.

IHU On-Line - Nos artigos e crônicas, do que se ocupava Simões Lopes Neto? Os temas eram predominantemente urbanos? Ou, nesses textos, ele também se voltava ao mundo rural, episodicamente?

Paulo Bentancur - Embora Pelotas fosse um centro urbano já afirmado, nosso autor tinha sua mente na estância. O que se referia à cidade ele transformava em discurso laudatório, ou cívico, e isso não teve força para ficar. Só mesmo como curiosidade biográfica, o que é citado com frequência nos inúmeros livros que se escreveram sobre ele.

IHU On-Line - Qual o Simões Lopes Neto que está aflorando dessa junção de textos? Em que medida eles enriquecem a figura humana e literária que já é conhecida?

Paulo Bentancur - Um Simões desigual, naturalmente. Entretanto, afinal um Simões completo, não mais disperso e antes merecedor de alguma desconfiança infundada e alguma esperança também fantasiosa. Sejam honestos: **Contos gauchescos** e **Lendas do Sul** são definitivos, **Casos do Romualdo** vale a menção, e o **Teatro** é mais que uma curiosidade, mas devagar com o entusiasmo. O historiador e pesquisador de **Cancioneiro guasca** e **Terra gaúcha** é admirável, mas esses projetos resultam antes como suporte para novas obras do que propriamente em obra. Em **Extraviados**, podemos ver que o autor tinha estilo, tema, e por isso chegou aonde chegou. Mas a repetição das obras-primas de seus dois livros mais conhecidos não acontece. Certamente a explicação é sua biografia acidentada, sua vida breve, e não seu talento incomum.

IHU On-Line - O livro, que tem o apoio da Copesul será comercializado integralmente? Sabe-se quanto custará, mais ou menos? Qual a tiragem prevista? Quantas páginas? Será ilustrado?

Paulo Bentancur - A primeira edição é para distribuição gratuita às bibliotecas universitárias e da rede pública. É de luxo, com capa dura e sobrecapa. Tem 1.072 páginas e possui belas ilustrações de Ênio Squeff. Deverá, no futuro, ser comercializado, creio. O mercado vai acabar exigindo uma decisão desse tipo por parte dos editores. Mas nada sei sobre isso. Acho que o principal é que finalmente temos a obra completa do primeiro de nossos três clássicos. Os outros dois, Érico e Quintana, já estão editados mais que suficientemente.

O PAPEL DE SIMÕES LOPES NETO NA LITERATURA

Entrevista com Donaldo Schüler

Autor de quase 30 livros, entre ensaios, romances, textos poéticos e até um título infantil, Donaldo Schüler é um dos nomes de maior relevância da cultura gaúcha. Com 70 anos de idade, é poeta, romancista, crítico literário, reputado professor de Literatura, Grego e Filosofia, doutor em letras pela PUCRS, e pós-doutor pela USP, é tradutor de Joyce e da Ilíada. Entre suas obras, citamos Teoria do Romance. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1972.

IHU On-Line - Qual a importância de Simões Lopes para a Literatura Brasileira?

Donaldo Schüler – Simões Lopes Neto renova a literatura brasileira ou a língua portuguesa, poetizando o falar regional do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, ele é um dos autores importantes na literatura em língua portuguesa, porque faz a renovação da língua.

IHU On-Line - O Sr. afirmou, em entrevista ao jornal Zero Hora, em maio desse ano, que “não foi tão grande por aqui o impacto de Guimarães Rosa. O Rio Grande já tinha Simões Lopes Neto”. No que se baseia essa comparação?

Donaldo Schüler – Guimarães Rosa faz com o falar do Sertão o que Simões Lopes Neto tinha feito aqui no Rio Grande do Sul. Não foi uma novidade absoluta, pois nós já conhecíamos esse processo através de Simões Lopes Neto.

***IHU On-Line* - O que o Sr. tem a dizer sobre o posicionamento político de Simões Lopes Neto? Sendo ele natural da cidade de Pelotas, pólo de conservadorismo, como isso aparece na sua obra?**

Donaldo Schüller – A revolução costuma se dar no texto literário. Isso foi assim com Machado de Assis, com Borges e com Simões Lopes Neto. A função do escritor é com a língua, com a própria língua, e não com assuntos que sejam exteriores à língua. Por isso, não tenho informações sobre o posicionamento político de Simões Lopes Neto. Preocupe-me com a revolução na língua.

***IHU On-Line* - Qual a importância da obra de Simões Lopes Neto para a construção do imaginário histórico cultural gaúcho?**

Donaldo Schüller – O imaginário do gaúcho foi criado por José de Alencar, com o gaúcho soberbo, guerreiro, senhor das fronteiras. Simões Lopes Neto valoriza o homem marginalizado, o homem pobre. Sua contribuição para a cultura gaúcha contemporânea se dá no sentido da falta, daquilo que o gaúcho não tem, do que ele carece.

***IHU On-Line* - Sobre a publicação de toda a obra de Lopes Neto, pela Sulina, o Sr. diria que existe algo na dramaturgia e demais escritos de Simões Lopes Neto que se igualem em qualidade aos contos?**

Donaldo Schüller - Para responder isso, preciso aguardar a publicação. Eu não me ocupei com esses textos, de modo que só conheço o que foi publicado em *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*, na edição anterior à edição Globo.

UM GÊNIO DESCONHECIDO

Para compreender a riqueza da herança de Simões Lopes Neto para a literatura e cultura gaúcha, IHU On-Line convida o leitor e a leitora a debruçar-se sobre o artigo a seguir, de autoria de Tabajara Ruas, publicado no jornal Gazeta Mercantil, na edição de 25, 26 e 27 de julho de 2003. Confira também, nessa edição, uma entrevista ao autor do artigo.

Qualquer enquete que se faça para indicar quem são os maiores escritores de ficção da literatura brasileira deverá colocar, no alto, os nomes de Machado de Assis e João Guimarães Rosa. É justo e verdadeiro. Depois, se seguirá uma longa lista de nomes, porque o Brasil é pródigo em magníficos narradores. Um desses nomes talvez seja o de João Simões Lopes Neto. Talvez. É bem provável que ele fique esquecido. Mas uma lista desse tipo só será justa e verdadeira de fato se o nome de João Simões Lopes Neto estiver no topo, junto ao dos dois gênios citados. Para que as coisas fiquem logo claras: João Simões é um dos raríssimos gênios da literatura brasileira, a par de Machado e de Rosa

João Simões é quase um desconhecido em seu próprio País, e existem várias razões para isso, algumas sutis, outras prosaicas. Uma delas, talvez, é que ele viveu a maior parte da sua vida na província, no distante sul, na cidade de Pelotas, onde nasceu e morreu. Outra, é que publicou apenas dois magros volumes de histórias: o primeiro ***Contos Gauchescos***, em 1912, quatro anos antes de morrer. O segundo, ***Casos de Romualdo***, 36 anos depois de sua morte!

João Simões nasceu em 9 de março de 1865 e faleceu em 14 de junho de 1916, aos 51 anos de idade. Passou a infância no campo, mas aos 13 anos foi mandado para o Rio de Janeiro onde se matriculou no tradicional Colégio Abílio. Ingressou depois na Faculdade de Medicina, onde estudou até o terceiro ano. Grave enfermidade obrigou-o a voltar a Pelotas,

em 1886, e de lá não mais saiu. Viveu sempre na cidade, o que espanta os estudiosos de sua obra de contista, voltada para a vida rural e seus costumes.

Nos 20 anos que passou em sua terra, João Simões tornou-se um dândi e um intelectual. Pelotas era o mais importante centro econômico e cultural do sul do País, e João Simões freqüentava seus salões e pontificava com sua elegância e finura. Ganhou a vida trabalhando como jornalista. Foi editor do **Correio Mercantil**, redator de **A Opinião Pública**, com o pseudônimo de João do Sul, e colaborador esporádico do **Diário Popular**. Viu encenadas, com sucesso, muitas das peças e operetas que escreveu ao longo dos anos. Mas, com certeza, não deixaria rastro de sua passagem se não publicasse um pequeno volume de contos alguns anos antes de morrer **Contos Gauchescos**.

Naturalmente, à primeira vista, parecia apenas mais um livro de histórias rurais e sua gente simples, com minucioso apontamento de sua oralidade. Com o tempo, porém, o pequeno volume foi crescendo e se tornando uma referência para os estudiosos da literatura do sul, quando não uma franca e inesperada surpresa.

Indo contra a corrente do conto tradicional, João Simões criou um narrador, Blau Nunes, e é ele quem narra as pequenas comédias e tragédias do microcosmo da campanha sulina. E que narrador! Linguagem como essa só a de Riobaldo Tatarana, criação de um atento leitor de João Simões, o médico e diplomata mineiro João Guimarães Rosa. Ouçamos Blau: "Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo... ouvindo mais do que vendo...".

Não fosse o vocábulo "haraganos", poder-se-ia pensar que era alguém tentando imitar o grande Rosa. É só percorrer as páginas ao acaso e o leitor vai deparar com um mundo de palavras desconcertantes, empregadas com artes de mágico de vidente. Como era de esperar, as gavetas de João Simões foram vasculhadas e três décadas depois de sua morte, em 1952, foi editado **Casos do Romualdo**. Se este volume não fosse publicado, é provável que permanecesse sobre João Simões a neblina da dúvida: aquele único livro era genial, mas talvez fosse obra do acaso.

O segundo livro acabou com as dúvidas. A imaginação portentosa e a observação aguda estão lá, a par da violência bárbara (vejam o conto *O Negro Bonifácio* em **Contos Gauchescos**), do humor mesclado de ironia e da precisão narrativa. Com o tempo, João Simões tornou-se um clássico das letras do Rio Grande do Sul e um dos escritores mais dissecados nas teses acadêmicas. Embora desconhecido em grande parte do País, seus livros influenciaram muitos escritores e são referência intelectual obrigatória. Entretanto, sua obra de dramaturgo e o labor de jornalista continuaram mais do que desconhecidos, continuam inéditos. Não por muito tempo.

A Já Editores/Sulina, de Porto Alegre, com o apoio da Copesul, está preparando, para lançamento em setembro, um volume com a obra completa de João Simões Lopes Neto, com coordenação editorial do escritor Paulo Bentancur. Além dos dois livros famosos do autor, mais cinco livros compõem o volume: **Cancioneiro Guasca**, recompilação de canções regionais, também publicado em vida, além do **Contos Gauchescos**; **Terra Gaúcha**, ensaio; **Lendas do Sul**, três lendas populares prodigiosamente reescritas; **Teatro**, reunião de suas peças e operetas e **Extraviados**, artigos e crônicas dos diversos jornais em que trabalhou, formando um volume de mais de mil páginas. O volume terá capa dura e ilustrações de Ênio Squeff. Quando o lançamento acontecer, mais uma antiga dívida cultural brasileira será saldada.

ACONTECE

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INICIA DIA 3

A Unisinos será palco de mais um grande evento nesta semana. Iniciará, na próxima quarta-feira, dia 3 de setembro, e se estenderá até o dia 5 de setembro, o III Congresso Internacional de Educação. A promoção é do PPG em Educação da Unisinos, através do Centro de Ciências Humanas, e tem o apoio da **FAPERGS** - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do RS, **CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e **CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Colaboram com a realização do evento o Curso de Pedagogia, o Núcleo de Formação de Professores e o Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP. As principais atividades do Congresso acontecerão no Anfiteatro Pe. Werner, da Unisinos. As inscrições estão encerradas.

Confira a programação do evento:

03/09/2003 - Quarta-feira

9h às 12h - Espaço de encontros e interlocução entre grupos e redes de ensino, pesquisa e extensão em educação

Local: Salas de Aula do Centro de Ciências Econômicas

15h - Abertura

Prof. Dr. Aloysio Bohnen, SJ - Reitor da Unisinos

Prof. Dr. José Ivo Follmann - Diretor de Centro de Ciências Humanas

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck - Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof^ª. Dr^ª. Maria Clara Bueno Fischer - Coordenadora do Congresso

15h30min - Atividade Cultural

16h – Painel: Políticas Nacionais e Internacionais em Educação na América Latina e a questão do *império*

José Alberto Correia - Inácio Neutzlig

Dialogando com os autores: Danilo Romeu Streck

Coordenação: Maria Clara Bueno Fischer

04/09/2003 - Quinta-feira

9h às 11h30min - Comunicações de Trabalhos por Áreas Temáticas

13h30min às 15h30min - Comunicações de Trabalhos por Áreas Temáticas

16h às 18h - Rodas de conversa

Coordenação: Professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação

Locais: Auditório Central, Auditório do Centro 4 e Auditório Maurício Berni e Centro de Ciências Econômicas

20h às 22h – Conferência: Cultura e educação

Carlos Rodrigues Brandão

Rosa Maria Bueno Fischer

Dialogando com os autores: Lúcio Kreutz
Coordenação: Edla Egert

9h às 22h - Exposição de pôsteres
Local: Saguão do Anfiteatro Pe. Werner

05/09/2003 - Sexta-feira

9h - Apresentação Cultural

9h30min – Conferência: Desafios para a pesquisa em Educação na América Latina, nestes tempos de *império*. -Pe Marcelo Fernandes de Aquino -Marília Spósito

Dialogando com os autores: Maria Isabel da Cunha
Coordenação: Beatriz Terezinha Daudt Fischer

14h - Mesa-Redonda

Falas do Congresso: Mari Margarete dos Santos Forster e Tatiana da Silva Wendorff
Coordenação: Flavia Clarici Mädche

15h – Conferência: Educação em movimento na América Latina nestes tempos de *império*

Peter McLaren - videoconferência

Dialogando com o autor: Berenice Corsetti

Coordenação: Cecilia Broilo

Expectativas para o III Congresso Internacional de Educação

IHU On-Line ouviu alguns membros da comissão organizadora do Congresso para saber o que esperam do evento e quais as maiores expectativas. Confira:

Maria Clara Bueno Fischer é doutora em Educação pela University of Nottingham, Inglaterra, professora do PPG de Educação da Unisinos e diretora executiva do evento:

“Nossa expectativa é de que o congresso contribua com a problematização da Educação no sentido de que as pessoas articulem sua ação local com o contexto global, sendo essa ação nas dimensões da pesquisa e do cotidiano. Uma das questões levantadas pelo tema do império associada à hegemonia do capital, que tem influência na Educação, é a análise do ponto de vista das políticas educacionais, das ações cotidianas da escola, da ética, da estética e da subjetividade. Todos esses aspectos são influenciados pela racionalidade capitalista, que transforma a educação em mercadoria. Por isso as expectativas do evento são muito mais amplas. O império desse sistema penetra em todas as formas de ser, agir e pensar. Ao problematizar a questão, o Congresso pretende contribuir para que as pessoas se dêem conta desse fato, e assim possam reorientar suas práticas. Também desejamos que seja um encontro prazeroso, já que oferecemos atividades culturais e práticas diferenciadas. A América Latina tem uma história muito significativa de novas formas de educação. Precisamos recuperar a idéia de que somos sujeitos históricos. O Congresso deve ser um encontro de esperança, acima de tudo”.

Maria Augusta Gonçalves é pós-doutora pela Universidade de Kassel, Alemanha, doutora em Educação pela UFRGS e professora do PPG de Educação da Unisinos.

“Pretendemos que o Congresso propicie momentos significativos de discussão sobre os desafios que a Educação na América Latina enfrenta no momento atual – nestes tempos de império – contribuindo para a busca e encontro de caminhos que possibilitem o enfrentamento desses desafios. Esperamos que as discussões abram espaços para ações educativas que favoreçam a emergência de uma outra racionalidade, que não a economicista e tecnológica, que no momento atual conduz o movimento da história”.

Edla Eggert é doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia, EST e professora do PPG de Educação da Unisinos.

“Parar a Universidade e pensar sobre os processos de imperialização que andam acontecendo por todos os cantos. Impactar, causar estranheza, reparar no estranho familiar que é viver entre as exigências das competências para um mundo que só vê o mercado e ao mesmo tempo sonhar com o inédito-viável de ver as mulheres negras com uma vida digna, o movimento dos sem terra festejando com Chiapas uma nova ordem: a liberdade e autonomia dos povos do sul”.

Cecília Osowski é mestre, doutora e pós-doutora em Educação, e professora do PPG em Educação da Unisinos

“Creio que abrimos vários espaços para diálogos interculturais e interinstitucionais sobre questões que colocam em situação limite a educação na América Latina, em tempos de *império*. Paradoxalmente estamos sitiados por poderes soberanos e territorializados, peculiares às sociedades modernas, subjugados às escorregadias microfísicas de poder, locais e singulares, com seus cambiantes regimes de verdade, peculiares às sociedades de controle. Desta forma, convivemos com políticas de governo globais e locais que afetam o modo de viver de todos e de cada um, tanto em nível micro, quanto em nível macro. Por consequência, a ética e a educação, a economia e o trabalho, a política e a justiça, apresentam outras dimensões e desafios para os quais não temos respostas. Ao valorizarmos espaços para as ONGs e os Movimentos Sociais se fazerem presentes e dialogarem com pesquisadores e grupos culturais, queremos expressar nossa compreensão de educação onde o político é o cultural e onde nos reconhecemos como sujeitos-autores do que dizemos e fazemos, daquilo que somos e do que pretendemos ser, do que desejamos e do que negamos. Desta forma, em tempos de *império*, examinar as políticas curriculares que impõem e dispõem de nossas identidades, ou discutir como nos tornamos os docentes que pensamos que somos são outras formas de resistir e lutar por formas de viver que garantam justiça em paz em tempos de corrupção e guerra”.

ABAIXO-ASSINADO PEDE PLEBISCITO SOBRE ALCA

Está circulando pela Internet, na Unisinos e em outras instituições, um abaixo-assinado por um plebiscito nacional oficial sobre a Alca. No ano de 2000, mais de 6 milhões de pessoas votaram no Plebiscito da Dívida Externa. Em setembro de 2002, no Plebiscito sobre a Alca, o número de votantes subiu para mais de 10 milhões de pessoas. As duas consultas representaram grandes mobilizações da sociedade civil, em que participaram igrejas, movimentos sociais, organizações não governamentais, partidos, associações e entidades em geral.

A coordenação do Grito dos Excluídos, com o lema *Tirem as mãos... o Brasil é nosso chão*, e a coordenação da Campanha Jubileu Sul, com a palavra de ordem *Vaccine-se contra a ALCA*,

mais uma vez unem seus esforços na Semana da Pátria, desta vez exigindo das autoridades o plebiscito oficial sobre a Alca.

O abaixo-assinado será realizado de 1º a 7 de setembro e prevê duas reivindicações fundamentais (a terceira, sobre a Base de Alcântara, já é uma vitória): a realização imediata de uma auditoria pública sobre a dívida externa brasileira; e a convocação de um plebiscito oficial sobre a Alca.

Os interessados e interessadas em assinar o abaixo-assinado podem comparecer na recepção do Instituto Humanitas Unisinos ou no Diretório Central dos Estudantes (DCE). O DCE está realizando a divulgação do abaixo-assinado no Campus, através dos Diretórios Acadêmicos dos cursos de graduação.

II SIMPÓSIO CIÊNCIA E DEUS

Nos dias 17 a 19 de setembro será realizado na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) o **II Simpósio Ciência e Deus** no mundo atual. O evento é uma promoção da UCPel, a PUCRS, e o Instituto Humanitas Unisinos. O programa do II Simpósio contempla, além da dimensão epistemológica, as dimensões ética e pastoral, tendo como principais objetivos:

- desenvolver o diálogo acadêmico inter e transdisciplinar entre ciência, filosofia e teologia, Evangelho e cultura, razão e fé; analisar e discutir questões que dizem respeito ao tema, com base em variados métodos das disciplinas, propondo a integração e a cooperação entre ciência e teologia. Contribuir para uma transformação cultural ampla, que implique em uma nova visão da realidade. Promover a pesquisa inter e transdisciplinar entre ciência, filosofia e teologia. Proporcionar a divulgação de estudos que estão sendo realizados em diferentes instituições acerca da temática abordada;
- desenvolver a dimensão ética no ensino, pesquisa e extensão universitária. Implementar iniciativas já existentes em vista da Universidade em missão e da Universidade em pastoral.

O evento abrirá no dia 17, às 8h30min com a conferência **Ciência e teologia na universidade** a cargo do prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos. Contará com diversas conferências, mesas-redondas e minicursos e nomes como MS Francisco Rodrigues (UCPel), Dr. Evilázio Teixeira (PUCRS), Dr. Eduardo R. Cruz (PUCSP), Dr. José Arthur Bogo Chies (UFRGS), Dr. Castor Bartolomé Ruiz (Unisinos), Dr. Manoel Vasconcelos (UFPe), Dr. Eduardo R. Cruz (PUCSP), Dr. Marcio Bolda da Silva (PUCRS), Dr. Domingo García Marzá (UJI – Espanha), Dr. Domingo García Marzá (UJI – Espanha) e Dr. Roque Junges (Unisinos), Dr. Giovanni Baruffa (UCPel, FURG), Dr. Ari Pedro Oro (UFRGS), Dr. Faustino Teixeira (UFJF).

Confira a programação completa e maiores informações no site <http://antares.ucpel.tche.br/cienciaedeus/>

TEOLOGIA PÚBLICA

O lado carismático do cristianismo

*Marco Politi, um dos mais respeitados 'vaticanistas', italiano, entrevista Andrea Riccardi, professor de história e líder da Comunidade de Santo Egídio, mundialmente famosa, de quem publicamos na nossa página do IHU, o trabalho de combate à Aids em Moçambique. A entrevista a seguir, foi publicada no jornal **La Repubblica**, em 26 de agosto de 2003, tem como ponto de partida o livro recém-publicado de Andrea Riccardi, sob o título **Dio non ha paura** (Deus não tem medo).*

La Repubblica: Professor Riccardi, se Deus não tem medo, quer dizer que os cristãos contemporâneos experimentam o medo?

Riccardi: Eu acredito que sim. Os cristãos têm medo, sempre tiveram medo. Os primeiros discípulos do Evangelho tiveram medo e continuam a ter medo os cristãos atuais. Enfim, num mundo como o de hoje, há muitos motivos para ter medo.

La Repubblica: Qual o motivo de tanta angústia?

Riccardi: Talvez porque se abriram à pessoa humana horizontes incríveis. Hoje nós vemos tudo, vemos os massacres, vemos as guerras, vemos as doenças. Vemos tanta coisa que temos a sensação de poder fazer muito pouco.

La Repubblica: É este um bom motivo para um cristianismo medroso?

Riccardi: Não creio que o cristianismo deva ser medroso. Penso que, no fim, todos, crentes ou não crentes, somos atravessados pelo medo. Não é esta a raiz de tantas reações fundamentalistas, violentas, agressivas? Pensemos nas reações de tantos mundos religiosos, pensemos no fundamentalismo islâmico. Existe também o medo de confundir-se num mundo todo igual.

La Repubblica: Há também um robusto fundamentalismo cristão.

Riccardi: Indiscutivelmente. Sempre fui adepto da tese do meu amigo Jules Kepel¹, que há anos escreveu o livro *La rivincita di Dio*, explicando que o fundamentalismo atravessa todos os mundos religiosos, sem exclusão de nenhum. Aqui se toca num ponto pouco analisado, mas muito importante. O desencontro de dois cristianismos. No último ano, assistimos a um confronto entre o cristianismo histórico – católico, ortodoxo, protestante – e um novo cristianismo externo às Igrejas históricas, o cristianismo neoprotestante, que não é somente americano, ainda que a versão mais forte que vemos é a dos EUA, mas ele é também latino-americano e está se tornando africano, está entrando na Rússia, já está na Ásia. Este neocristianismo, que é um cristianismo sem Igreja, o cristianismo dos *born again*, dos renascidos, é um cristianismo fortemente individual, que termina por adotar causas nacionais e nacionalistas.

La Repubblica: Emile Poulat, citado no seu livro, afirmava que Deus saiu do século XX. No entanto, ele voltou por caminhos imprevistos?

Riccardi: Deus se reencontra no mundo e na vida de tantos crentes. Deus se reencontra neste século que foi o século do martírio. Nunca tantos cristãos, mulheres, muitas mulheres – e também homens – morreram crendo. E o martírio cristão não é suicídio, o martírio cristão é acreditar que a salvação da própria vida não é mais importante que o testemunho cristão, da caridade. Este martírio revelou uma das características do cristianismo, que eu chamo de força débil. Esta expressão não é minha. É de São Paulo. Esta força débil do cristianismo nos foi revelada no século XX, mas a partir do vivido, por parte de tantos segmentos da Igreja, mártires, testemunhos, gente forte, tenaz, paciente. Para estas pessoas, o século XX foi o

¹ Aqui o entrevistado está citando a tradução italiana do livro de Gilles Kepel, *La revanche de Dieu. Chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde* (A revanche de Deus. Cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo), editada pela Seuil de Paris há muitos e cuja reedição será lançada nesta semana no dia 5 de setembro. Gilles Kepel é um dos maiores conhecedores, no ocidente, do mundo islâmico.

século no qual Deus saiu do mundo, mas também o século no qual Deus esteve presente na vida dos cristãos.

La Repubblica: A nova religiosidade se expressou na Igreja Católica com o nascimento dos movimentos. Isso é algo de inédito?

Riccardi: Movimentos sempre houve na história da Igreja. Veja o antigo movimento beneditino, o movimento franciscano, os movimentos que emergiram no século XIX e XX, as novas comunidades.

La Repubblica: Qual é então o elemento novo?

Riccardi: A manifestação, no cristianismo, de uma forte alma carismática. Deu-se um fenômeno que acho extremamente interessante: a pluralidade de experiências e de caminhos existentes na realidade católica. E que não é somente uma pluralidade de expressões mas também pluralidade de mundos. Talvez nunca a Igreja Católica foi tão complexa quanto é hoje. Mas, no meu livro, busco olhar também dentro das realidades interiores do viver hoje como cristão.

La Repubblica: O que emerge nestes campos?

Riccardi: Uma grande redescoberta da espiritualidade e da pergunta pelo sentido, uma grande redescoberta da Bíblia. Porque se é cristão de tantos modos me parece que no mundo cristão se esteja afirmando o valor da dimensão espiritual pessoal, o que é também o sinal de uma grande maturidade.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

PAGANDO A CONTA DO DÉFICIT NORTE-AMERICANO

*Gilberto Dupas publicou o artigo a seguir no jornal **Estado de S. Paulo**, em 23 de agosto de 2003. Dupas é coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional da USP e presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais. É autor, entre vários livros, de **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: Unesp, 2001; **Tensões Contemporâneas entre o Público e o Privado**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Este último livro foi comentado na 66ª edição de **IHU On-Line**, de 30 de junho de 2003.*

O enorme e crescente desequilíbrio comercial norte-americano tem obrigado a um profundo ajuste das paridades entre as moedas mundiais, que continuará dominando o cenário do crescimento econômico global por vários anos. Essa situação não é nova e tem muita relação com a lógica de produção das eficientes corporações globais sediadas no país hegemônico mundial, que detém, sozinho, 32% de todo o PIB do Planeta.

Além da voracidade e do tamanho do mercado consumidor dos EUA, o mais de US\$ 1 bilhão diário de déficit externo acumulado pelo país significa, muitas vezes, componentes e produtos finais importados das próprias empresas norte-americanas, que os produzem em outros países em função de estratégias de fragmentação de suas cadeias produtivas; elas foram em busca de locais com fatores de produção mais baratos, especialmente mão-de-obra. Os negativos em

conta corrente do país líder, até o final do século, sempre haviam sido equilibrados com folga pelo fluxo de capitais ávidos por segurança e pela rentabilidade que os títulos do Tesouro americano ofereciam. Nos últimos anos, com a grande redução das taxas de juros e o nível insustentável que o desequilíbrio comercial atingiu - mais de 4% do PIB - os seus efeitos se agravaram e começaram a impor profundos ajustes nas demais principais moedas mundiais. Para se ter uma idéia dessas dificuldades, o investimento direto estrangeiro, que chegou a financiar 91% do déficit em conta corrente dos EUA em 1999, em 2002 correspondeu a apenas 43%.

Esse amplo e doloroso processo começou com a enorme valorização do euro. A nova moeda da União Européia (UE), depois de um início triunfante - quando foi vendida pelos bancos de investimentos mundiais como uma bela alternativa de diversificação de ganhos expressivos -, acabou acumulando uma valorização de 30% em apenas 18 meses. As conseqüências para a Europa têm sido muito duras. Ferida a fundo em suas exportações para os EUA - o seu grande mercado -, a região já mostra a Alemanha em recessão (três trimestres consecutivos de queda no PIB), a Itália e a Holanda estagnadas e um crescimento médio de todos os seus 15 países previsto para 2003 de apenas 0,7%. A nova paridade de sua moeda em relação ao dólar obriga esses países a ajustes profundos em seus orçamentos públicos e à busca adicional de redução dos custos de sua mão-de-obra e dos sistemas de previdência; e tende a gerar baixo crescimento e aumento de desemprego.

A redução geral das taxas de juros - iniciada nos EUA, em busca da retomada de sua economia após os abalos iniciados com o estouro da "bolha" de seu mercado de ações - acabou obrigando os europeus a adotarem o mesmo caminho, embora com mais moderação. No caso da Europa, os resultados dessa política não viabilizaram a volta do crescimento, embora as taxas de juros atuais praticadas pelo Banco Central Europeu, de 2% ao ano, sejam as mais baixas desde a 2.^a Guerra. De maneira curiosamente perversa, essas políticas mantêm o interesse dos capitais em migrar para os EUA, que continuam crescendo bem mais que a Europa.

Mas as ondas de pressão pela valorização das moedas internacionais continuam e ampliam sua abrangência. Entre abril e junho deste ano o governo japonês, em operação sem precedentes, gastou quase US\$ 40 bilhões para evitar uma valorização excessiva do iene diante do dólar, o que causaria grandes estragos em suas exportações para os EUA. Enquanto isso, a China vai sendo transformada incorretamente na grande vilã desse processo de ajuste da economia mundial em benefício do equilíbrio norte-americano. Recentemente, tanto John Snow (secretário do Tesouro) como Alan Greenspan (presidente do Fed) pressionaram a China para valorizar seu yuan. Os japoneses também vêm culpando a China, e os europeus acreditam que a taxa fixa atual de 8,3 yuans por dólar obriga o euro a assumir mais do que devia a responsabilidade pelo ajuste do dólar.

As exportações chinesas vêm, de fato, se comportando magnificamente: cresceram 33% nos últimos 12 meses. No entanto, mais uma vez, isso se deve fundamentalmente às estratégias das grandes corporações transnacionais, que acabaram desenvolvendo uma bem-sucedida aliança estratégica com a China: deslocamento maciço de produção industrial para fábricas daquele país em troca de mão-de-obra relativamente bem qualificada e a custo insuperável. O resultado é que quase 25% dos eletrodomésticos mundiais - a chamada "linha branca" - são hoje lá produzidos. Nos últimos nove anos, as exportações chinesas passaram de US\$ 120 bilhões para US\$ 365 bilhões, sendo 65% desse acréscimo correspondente a exportações de subsidiárias chinesas das grandes multinacionais, acumulando um superávit de US\$ 103 bilhões com os EUA só no ano passado. Esse fluxo é viabilizado por investimentos estrangeiros diretos em território chinês - US\$ 53 bilhões só em 2002.

O leitor há de recordar-se dos anos em que Brasil e China eram os recordistas mundiais na recepção desses investimentos, com US\$ 30 bilhões cada (1996-1998). Em 2003, nosso país está reduzido a apenas US\$ 7 bilhões.

Enquanto isso, o dragão chinês vai acumulando mais de US\$ 350 bilhões de reservas internacionais e nós, os míseros US\$ 15 bilhões que nos tornam totalmente dependentes de uma renovação do acordo de emergência com o FMI que nos salvou da bancarrota no final do governo anterior, sob pena de nos metermos em nova crise cambial.

Não tem nenhum sentido culpar a China por atrapalhar o ajuste internacional de paridades de câmbio que permita diminuir o déficit norte-americano. Esse país é hoje parte fundamental das cadeias produtivas globais, a elas garantindo suprimentos a baixo preço e de boa qualidade, colaborando até mesmo para manter a inflação mundial sob controle. O Japão usou essa estratégia em grande parte do pós-guerra com ótimos resultados para si e para a economia mundial. Os verdadeiros responsáveis pelo déficit norte-americano são o excesso de consumo e a escassa poupança nacional, que tornam o país dependente de um grande influxo de capitais externos. Enquanto houver quem queira financiar essa posição, aplicando no país, não haverá maiores problemas. Mas essa condição pode estar atingindo o seu limite.

A prática hegemônica norte-americana, aplicada ao comércio e à produção, e seu alto padrão de consumo tornaram inevitável uma profunda acomodação cambial mundial que encareça suas importações e favoreça suas exportações.

Para agravar mais essa situação, os EUA tenderão a se isolar mais, o que é ruim para o crescimento mundial. Será um ajuste bastante oneroso para o resto do mundo, inclusive para o Brasil.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Escola de Formação de Fé, Política e Trabalho

No dia 25 de agosto, aconteceu uma reunião sobre Escola de Formação Fé, Política e Trabalho, entre a coordenação do IHU, o Pe. Gilnei A. Fronza, coordenador de pastoral da diocese de Caxias do Sul e a Ir. Maria Brendali Costa, responsável pela Pastoral Social da diocese. Em nome de D. Paulo Moretto, bispo de Caxias do Sul, já recuperado do grave acidente, discutiu-se a parceria do IHU na realização da Escola que durará durante todo o ano de 2004. Ela visa, entre outros objetivos, ser um momento de preparação para a Romaria do Trabalhador e da Trabalhadora, em maio de 2005.

Ditadura Militar e o Golpe de 64

O evento sobre Ditadura Militar e o Golpe de 64 foi a pauta de uma reunião ocorrida no dia 25 de agosto. Além da coordenação do IHU, participaram o Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz, do PPG em História, a Profª. Drª. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas, o Prof. Pedro Luiz da Silveira Osório, do Centro de Ciências da Comunicação, a Profª. Drª. Gláucia Angélica Campregher, do Centro de Ciências Econômicas, e o Prof. Dr. Rodrigo Stumpf Gonzalez, do Centro de Ciências Jurídicas.

Pastor Joe, bem vindo!

No dia 27 de agosto, a coordenação do IHU reuniu-se com o Pastor Joe Marçal Gonçalves dos Santos, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil – IECLB. Ele foi indicado pelo Sínodo do Rio dos Sinos para atuar no atendimento pastoral dos estudantes evangélicos da

Unisinos. Ele trabalhará no IHU, se inserindo na área de concentração Teologia Pública. Joe Marçal Gonçalves dos Santos é pastor da Paróquia universitária de Porto Alegre e doutorando de teologia na Escola Superior de Teologia – EST – São Leopoldo. As melhores boas-vindas de todos e todas que trabalhamos no IHU!

Renovação Carismática Católica pede espaço

Também no dia 27 de agosto, a coordenação do IHU se reuniu com Eunice Teresinha S. da Silva, secretária do Centro de Ciências Humanas, e Frederico A. da Silva, aluno de arquitetura na Unisinos, para discutir a possibilidade da cedência de um espaço físico no IHU para as atividades da RCC na Universidade.

PPG em Ciências Sociais Aplicadas

Tendo como pauta uma série de assuntos pertinentes à área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, que dizem respeito à parceria entre o IHU e o PPG em Ciências Sociais Aplicadas, ocorreu uma reunião no dia 27 de agosto entre a coordenação do IHU e o Prof. Dr. Egon Roque Frohlich, coordenador do PPG em Ciências Sociais Aplicadas. Também participou da reunião Telmo Adams, que atua na área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU.

Publicações do IHU

No dia 28 de agosto, ocorreu uma reunião sobre o último número do *Cadernos do Cedope* e o primeiro do *Cadernos do IHU*. Participaram a Prof^a. Vera Regina Schmitz, pela coordenação do IHU, Dármis Corbellini, coordenador da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU e a Prof^a. Dr^a. Jaqueline Oliveira Silva, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas.

A Sociedade pós-moderna

No dia 29 de agosto, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou a assembléia geral da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB – RS, cujo tema era A Sociedade Pós-Moderna, realizada no Cecei, em São Leopoldo.

DESTAQUES DA SEMANA

Deu nos Jornais

Desemprego na Argentina

Um de cada quatro desempregados tem formação universitária

Um de cada quatro desempregados, na Argentina, tem formação universitária ou completou os seus estudos superiores. O dado consta de uma ampla reportagem publicada pelo jornal argentino Clarín, 24-8-03. Ainda que do total de desempregados, 40% sejam mulheres, entre os que têm alto nível educativo, as universitárias desempregadas chega a 51%. Assim, as mulheres, segundo a reportagem, capacitadas desempregadas são mais afetadas que os homens.

Brasil: Desemprego cresce entre os jovens Diploma universitário não garante emprego

Não é o melhor momento para ser jovem no Brasil. Pois, segundo a Folha de S. Paulo, 25-8-03, hoje, o desemprego atinge principalmente a faixa etária de 18 a 24 anos. Ter um diploma universitário na mão, mostram os números, não é garantia de nada. O percentual de jovens procurando emprego atualmente é de 30,7%, dado de junho do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos - Dieese. Há dois anos, o índice era de 25,3%, o que representa aumento de 5,4 pontos percentuais. De 25 a 39 anos, a taxa atualmente é de 16,7%, em relação a 13,8% em 2001 - alta de 2,9 pontos. Ou seja, o desemprego entre jovens é maior e cresceu mais nos últimos anos. O problema, que se intensificou do ano passado para cá, não bate na porta apenas dos que têm menos escolaridade. A retração em cargos especializados neste ano foi de 30% em relação a 2001, segundo a Companhia de Talentos, que realiza processos seletivos de empresas como Unilever, Votorantim, Phillip Morris e Scania, entre outras. Esses dados ajudam a explicar por que a competição para quem está entrando no mercado de trabalho é mais acirrada do que o vestibular. Para 872 vagas de *trainees* e estagiários em 19 grandes empresas em 2002, 180 mil pessoas se inscreveram - uma média de 206 candidatos por vaga.

Propriedade e desenvolvimento O papel estratégico da propriedade privada

Com o título 'Propriedade e desenvolvimento', Antonio Delfim Netto, deputado federal pelo PP-SP, economista, professor emérito da FEA-USP e ex-ministro da Fazenda, publicou no jornal **Valor Econômico**, 19-8-03, um artigo para ser discutido. Ele inicia perguntando o que o atual governo brasileiro pode aproveitar de outras experiências, como, por exemplo, a 'terceira via' de Blair. Para Delfim Netto, "o que de fato se deve aproveitar, na história dos países mais bem-sucedidos em matéria de crescimento econômico dentro de regimes democráticos pluripartidários, são as instituições que facilitaram a combinação de razoável liberdade política, satisfatória igualdade de oportunidades e relativa eficiência produtiva." Segundo o ex-ministro dos governos militares, "pode-se dispor de todos os ingredientes para produzir o desenvolvimento: mão-de-obra educada e sadia; razoável infra-estrutura, ciência básica adequada, disponibilidade de crédito e pesquisa tecnológica, sem que obtenha um desenvolvimento eficiente, como provaram as economias do 'socialismo real'. O mais importante instrumento de incentivo para acender o 'espírito animal' dos empresários, levá-los a tomar riscos e a combinar aqueles ingredientes físicos num processo produtivo eficiente é a propriedade privada. Nenhum cidadão se disporá a tal empreitada se souber que não poderá usufruir do fruto do seu esforço". Delfim Netto, já denominado, recentemente, como um 'neopetista', cita um estudo de Heitger, B. *Property Rights and their Impact on the Wealth of Nations*, Kiel Working Paper 1163, May 2003, onde são pesquisadas mais de 80 países no período 1975-1995 e cuja conclusão é que 'o impacto da propriedade privada sobre o crescimento é positivo e que ambos são simultaneamente determinados'. Para Delfim Netto, 'parece apropriado classificar o instituto da propriedade privada como a fonte determinante do crescimento econômico'.

O 'espírito animal' dos investidores

O desrespeito à propriedade inibe este espírito

Daí o ex-ministro do assim chamado 'milagre econômico' conclui: "Deveríamos estar dando grande ênfase na construção das instituições que ao longo do tempo produziram o crescimento daquelas economias. Infelizmente não é isso o que parece estar ocorrendo com a tolerância

com o Movimento dos Sem-Terra e dos Sem-Teto que, ao forçarem uma solução para seus compreensíveis problemas, reduzem a crença dos investidores tomadores de risco na propriedade privada. Postergam, assim, o uso dos fatores materiais disponíveis para o desenvolvimento econômico e para a própria redução da sua pobreza. Hoje dois fatores são inibidores de ampliação do ‘espírito animal’ dos investidores: 1) o desrespeito à propriedade privada no agrobusiness, o único setor da economia em rápida expansão mas que já está reduzindo os seus projetos de investimento e 2) a ausência de apoio creditício para que a propensão ao risco possa manifestar-se mais fortemente. Sem corrigi-los vamos ter de esperar muito mais pelo ‘espetáculo do crescimento’...”

Perplexidades econômicas

Direito de propriedade é incerto? E na China?

Os economistas liberais estão perplexos, constata José Paulo Kupfer, na página web www.nominimo.com.br Segundo ele, “pregam o crescimento. Como? Com ‘câmbio competitivo’ – não foram eles que inventaram o câmbio fixo? – e alegam que o investimento externo fugiu porque aqui o direito de propriedade é incerto. E na China?” No artigo, o autor mostra que “mais ou menos duas décadas depois da aplicação dedicada do receituário de reformas que aviaram, a América Latina expõe variadas instabilidades macroeconômicas, por trás do êxito da estabilidade dos preços”. E usando os dados recentes da Cepal, constata: “Do ponto de vista do bem-estar social, se é que é possível, a situação, nesses quase 20 anos, andou para trás. Relatório da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), divulgado esta semana, aponta a existência de 220 milhões de latino-americanos pobres, ainda assim em posição mais confortável do que os 55 milhões de indigentes da região. Um exército de desvalidos maior do que o existente no início dos anos 90”. Segundo ele, “é curioso, mas não surpreendente, verificar que restam cada vez menos defensores de um aprofundamento liberalizante como saída dessa tendência sombria ao empobrecimento. Sobraram poucos xiitas neoliberais, mas é grande a fila dos novos desesperados pelo crescimento. Eles se agarram a uma nova sigla – ‘GGG’, de ‘get growth going’ (crescer de forma sustentada) – para purgar, sem dar muito o braço a torcer, mas ainda sem explicar muito bem como sair da armadilha, a pobreza econômica e a deterioração social que suas teorias ajudaram a moldar”. E falando do investimento direto estrangeiro que secou, o motivo dado pelos ‘neo-convertidos ao crescimento’ é simples: “o Brasil não tem um marco regulatório adequado, o sistema legal é incerto, a corrupção campeia e o direito de propriedade não é bem definido e respeitado. Compreendeu? OK que tudo isso está longe do ideal por aqui e que seria muito bom que melhorasse nesse campo. Mas...e a China? Não é uma ditadura de partido único – e ainda por cima comunista? Como então lidera disparada a lista dos países que mais captam investimentos diretos entre as economias emergentes?” Um artigo que merece ser lido na íntegra.

‘I have a dream’ – 40 anos do discurso de Martin Luther King

Um discurso mais ofensivo que onírico

Exatamente 40 anos atrás, em 28 de agosto de 1963, Martin Luther King Jr. pronunciou seu discurso mais famoso, “Eu Tive um Sonho”, em que imaginava um mundo sem segregação racial. Deste discurso a gente não reteve nada além da passagem “I have a dream” (“eu tive um sonho”): “Eu sonho no dia em que, sobre as colinas da Geórgia os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos proprietários de escravos possam se sentar juntos na mesma mesa da fraternidade...”. O discurso foi na realidade bem mais ofensivo que os extratos lidos nas escolas. “Não haverá mais repouso nem tranquilidade na América, enquanto o Negro não tiver

obtido seus direitos de cidadão. O turbilhão da revolta continuará a sacudir os fundamentos da nossa nação até que se levante o dia luminoso da justiça” – exclamava Martin Luther King. Este discurso correu o risco de não ser lido naquele dia. O presidente Kennedy, que preparava a sua lei sobre os direitos cívicos, tentara convencer os responsáveis pela manifestação deste dia que a cancelassem. Ele temia que ela fosse pôr mais óleo na fogueira. “Os Negros já estão na rua”, lhe respondeu Philip Randolph, o principal organizador da manifestação. A elite política branca de Washington estava aterrorizada com a idéia de uma manifestação de tal magnitude. O Pentágono colocara 19 mil soldados na rua. Os hospitais liberaram todas as salas de cirurgia... Martin Luther King, 34 anos, era o último orador da jornada. Seu ‘sonho’ foi lido por acaso no final do seu discurso. Ele acabara de dizer: “Voltemos ao Mississippi, retornemos ao Alabama...”, quando a cantora Mahalia Jackson, que estava atrás dele, o encorajou a prosseguir: “Fale do teu sonho, Martin...”.

Danos, compensações e revoltas

Contardo Calligaris rememora Martin Luther King

Contardo Calligaris, psicanalista, na sua coluna de 28/08/03, publicada na **Folha de S. Paulo**, recordando o 40º aniversário do histórico discurso de Martin Luther King, faz uma aguda reflexão a partir do pedido de reparação, feita por uma dúzia de americanos de origem africana, descendentes de escravos, a algumas grandes companhias que, no século 19, lucraram com a escravatura. O pedido está sendo julgado pela Corte Federal de Chicago, Illinois, EUA. Como compensação, é pedido que elas reconheçam publicamente sua culpa e criem um fundo que proporcione e administre serviços de saúde, moradia e educação para a população afro-americana. A pergunta que orienta a reflexão do psicanalista é: “Deixando os argumentos legais aos advogados, como situar-se nessa história?” E ele termina o artigo, que merece ser lido na íntegra e debatido, afirmando: “Mas penso no gesto de Rosa Parks, a costureira negra que, num dia de 1955, em Montgomery, Alabama, sentou-se nas fileiras do ônibus reservadas aos brancos e não quis mais se mexer. Ela não pedia compensação por danos sofridos nem, a bem dizer, lutava por um futuro diferente. A repercussão de seu ato (que iniciou o movimento americano dos direitos civis e convocou o jovem Martin Luther King para a luta) deve-se, provavelmente, ao fato seguinte: Rosa Parks não cobrou créditos passados nem futuros, apenas revoltou-se, ou seja, autorizou-se a viver o presente que queria e que lhe parecia justo. Com isso, transformou sua vida e o mundo”.

Guerra Santa no Campo e na Cidade

A participação de evangélicos na lutas sociais

A revista **Eclésia**, que se intitula como ‘a revista evangélica do Brasil’, na edição no. 92, agosto de 2003, traz como reportagem de capa ‘A Igreja e o Movimento Sem-Terra’. Os subtítulos são: Pastores dizem que invadir é necessário; cresce a participação de evangélicos e acampamentos têm até templos funcionando. Segundo a ampla reportagem, “o que é novo é que a Igreja Evangélica, há pouco tempo totalmente avessa à ação política, ainda mais desta natureza, vem dando mostras, ainda incipientes, de que deseja buscar firmar posição neste momento. Segue, assim, os passos dos católicos, que fundaram, em 1975, a Comissão Pastoral da Terra, a CPT, órgão que, anos depois, serviria como embrião do MST”.

Participação evangélica é muito forte

Professor da EST analisa o fenômeno

Na mesma reportagem, Oneide Bobsin, pastor e professor da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo – EST – testemunha: “Tenho percebido que a participação dos evangélicos

nesses movimentos é muito forte”. Doutor em Ciências Sociais, ele participa de atividades ecumênicas e tem notado “uma tensão social muito forte” na base das igrejas, embora tal tendência não costume passar pela liderança. “As necessidades individuais falam muito mais alto do que a ideologia” – afirma.

‘Não dá para agradar a classe dominante e fazer a mudança social’

D. Robinson Cavalcanti, Bispo da Diocese Anglicana de Recife

Na revista *Eclésia*, Robinson Cavalcanti, bispo da Diocese Anglicana do Recife, afirma que a origem de toda a luta social é histórica: “No Brasil, os movimentos sociais sempre foram reprimidos com violência e as mudanças sempre aconteceram pela elite – a Independência foi proclamada por um príncipe português, e a República, por um general”. A tensão, segundo ele, acontece com uma tentativa de democratização social, uma forma de lembrar o governo que ele não pode servir dois senhores. “Não dá para agradar a classe dominante e fazer uma mudança social efetiva no país”, sentencia o bispo.

O radical de Recife

Martin Luther King me inspira

A revista *Eclésia*, sob o título ‘O radical de Recife’, destaca o pastor anglicano Marcos Cosmo, 38 anos, de Recife, PE. Há 16 anos ele atua na linha de frente de movimentos sociais. Ele fundou o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, do qual hoje ele é capelão, segundo a revista. “A Palavra de Deus é rica em ensinamentos contra a injustiça”, afirma o pastor Marcos Cosmo. Ele afirma preferir invadir propriedades públicas, porque nestes casos a possibilidade de efetivamente ganharem a parada são maiores. “Mas, às vezes, ocupamos terras privadas improdutivas, também. Principalmente aquelas pertencentes a empresas com dívidas milionárias em impostos não-recolhidos”, comenta. Ele já foi preso, pagou fiança e respondeu processo. “Procuro me inspirar na desobediência civil do reverendo Martin Luther King”, diz o pastor Marcos Cosmo. “A lei diz que terra improdutiva deve ser destinada à reforma agrária; então, nós estamos apenas fazendo cumprir a lei” – afirma o pastor anglicano.

Entrevista do IHU On-Line citada na Folha de S. Paulo

Luís Nassif reproduz entrevista publicada nesta semana

A coluna de Luís Nassif, publicada no dia 28-8-03, na *Folha de S. Paulo*, intitulada ‘Construtor de Países’ reproduz amplos extratos da entrevista de Filomeno Jacob, padre jesuíta, que foi Ministro da Educação de Timor Leste sob a administração de Sérgio Vieira de Mello. A entrevista foi publicada no boletim do Instituto Humanitas Unisinos, IHU On-Line, de 25-8-03.

‘Na Índia, não existe o Estado. Ninguém fará justiça’

Arundhati Roy comenta o atentado de Bombaim

A escritora indiana Arundhati Roy, conhecida de quem participou do Fórum Social de Porto Alegre, símbolo do mundo ‘no global’, autora do livro *O Deus das pequenas coisas*, fala do violento atentado perpetrado em Bombaim, onde será a sede do próximo Fórum Social Mundial, numa entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, 26-8-03. Para ela, ninguém será julgado pelo atentado, “porque o sistema de poder, que do exterior pode parecer democrático, já começou a funcionar. Basta ver o que aconteceu em Gujarat: no ano passado, foram mortas mais de 200 pessoas, ninguém foi condenado. O povo não acredita mais nas autoridades e faz justiça pelas próprias mãos”. Perguntado sobre a possibilidade de novos conflitos entre hindus e muçulmanos, Arundhati Roy responde: “Na Índia, há milhões de muçulmanos sob o risco de

'hinduização' (induizzazione). As pessoas que poderiam ter provocado o atentado são muitas. Neste momento, devemos ser responsáveis e não aumentar a tensão no país”.

4º Fórum Social Mundial. Ameaçado?

Sim, segundo Emir Sader

Emir Sader, sociólogo, no artigo publicado, no dia 26-8-03, pela **Agência Carta Maior**, escreve: “Os atentados ocorridos segunda-feira (25) na cidade de Mumbai(Bombaim), Índia, podem inviabilizar a realização do 4º Fórum Social Mundial, em janeiro do próximo ano. O Fórum, que deveria ter sua convocação oficial realizada no dia 3 de setembro, fica ameaçado pelas condições de insegurança. No atentado, bombas colocadas em dois táxis explodiram em um mercado jóias e têxteis e junto ao histórico Portal da Índia, matando 46 pessoas e deixaram 150 feridas”. Segundo E. Sader, “a comissão de organização escolheu Mumbai como mais uma etapa do processo de internacionalização do fórum, cujas três edições (2001, 2002 e 2003) foram realizadas em Porto Alegre. Para isso, chegou a descartar algumas cidades governadas por partidos de esquerda de ideologia marxista-leninista, o que dificultaria o grau de autonomia que Porto Alegre – governada pelo PT – sempre permitiu. Porém, a escolha de Mumbai está trazendo dificuldades de outra ordem. A cidade indiana é governada por forças hinduístas fundamentalistas, que patrocinam não apenas uma forte discriminação antiislâmica, como uma política duramente repressiva em relação a essas forças, consideradas aliadas do vizinho Paquistão”. E o sociólogo lembra a participação, nos fóruns anteriores, de Tariq Ali, ex-líder estudantil paquistanês, hoje escritor e ensaísta residente em Londres. Ele “já havia advertido sobre os riscos da escolha de Mumbai, ressaltando sua ideologia de fundamentalismo hinduísta, a mesma que havia levado à reescritura da própria história da cidade, que recentemente mudou seu nome de Bombaim para Mumbai. O clima pacífico de convivência dentro das diferenças e a tolerância que permitiram que os três fóruns realizados em Porto Alegre exibissem um clima de solidariedade e de alegria não existirá em Mumbai”. No mesmo artigo, Emir Sader noticia que “o Conselho Internacional do Fórum, em reunião realizada no final de junho em Miami – a que não puderam assistir várias delegações, que não receberam os vistos do governo norte-americano, mas que foi presenciada por agentes da CIA – confirmou a realização do 4º Fórum Social Mundial na Índia. Esta decisão havia sido tomada em Porto Alegre, em janeiro passado, em reunião do próprio Conselho Internacional, por considerar que a falta de recursos vinha dificultava a participação de asiáticos e africanos nos fóruns”. Ele lembra ainda que “de qualquer maneira, o Conselho já havia decidido que a sede permanente do Fórum é Porto Alegre, cidade para onde voltará sempre. O 5º Fórum Social Mundial, a realizar-se em janeiro de 2005, já começa a ser preparado na capital gaúcha, através de um Encontro pela Paz e contra a Guerra, agendado para ocorrer entre os dias 11 e 13 de fevereiro de 2004, na sede da PUC-RS, com participação, entre outros, de Bernard Cassen, Tariq Ali e Boaventura de Sousa Santos”. No dia de ontem, a nossa página noticiou a opinião da escritora indiana, também ativa participante do Fórum Social Mundial, Arundhati Roy sob o título “Na Índia não existe o Estado. Ninguém fará justiça”.

Alca e o jogo dos sete erros

Celso Amorim debate a Alca

Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores, em dois longos artigos publicados no jornal **O Estado de S. Paulo**, nos dias 24 e 26 de agosto, com o título “Alca e o jogo dos sete erros”, procura “esclarecer aspectos que são objeto de mal-entendidos. Identifico, em particular, sete questões ou ‘mitos’ que merecem ser dissecados”. Na primeira parte do artigo, publicada no dia 24-8-03, ele identifica três erros: ‘Aderir ou não aderir à Alca’; ‘Alca (= Área de Livre Comércio

das Américas) será o equivalente americano da União Européia'; 'Conforme for, o Brasil fica de fora'. Na segunda parte do artigo, publicada no dia 26-8-03, o Ministro debate quatro erros: 'O formato 4+1 retira da Alca o foco em acesso a mercados'; 'A ênfase em acesso a mercados pressiona a indústria'; 'O risco de isolamento' e 'Devemos defender nossos interesse, sim, mas dentro de um enfoque realista'. Trata-se de um artigo importante a ser lido e analisado.

América Latina 'congela' pobreza 220 milhões de pobres desde 1997

Os índices de pobreza na América Latina e no Caribe estão estagnados desde 1997. Em 2003, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe - Cepal - há 220 milhões de pobres na região, dos quais 95 milhões na indigência. Trata-se de 43,4% e 18,8% da população, respectivamente. A Cepal considera pobre quem vive com menos de US\$ 2 por dia e indigente quem sobrevive com menos de um dólar por dia. Os dados foram apresentados ontem pelo secretário-executivo da Cepal, José Antonio Ocampo. Segundo ele, o processo de superação da pobreza estancou nos últimos anos, com as taxas de pobres e indigentes praticamente constantes em relação a 1997. O documento também registra 55 milhões de pessoas com algum grau de subnutrição na América Latina e no Caribe. Em um capítulo especial sobre a fome, a Cepal estima que 11% da população estejam subnutridos. Quase 9% da população infantil com menos de cinco anos sofrem de desnutrição aguda (estão abaixo do seu peso) e 19,4%, de desnutrição crônica (têm tamanho inferior aos parâmetros da idade). Os dados podem ser conferidos no sítio da Cepal.

Theodor Adorno: Um centenário Existência civil do espírito crítico

A revista '*Cult*' n.º. 72, que está nas bancas, dedica um longo dossiê ao centenário de T. Adorno. A revista abre com uma entrevista de Roberto Schwarz, ensaísta, sociólogo, crítico literário e professor aposentado de Teoria Literária da Unicamp. Para Roberto Schwarz "ler Adorno não deixa de ser uma experiência humilhante, pelo muito que ele vê onde o leitor não viu nada ou quase nada". Refletindo sobre a mobilidade e o apetite polêmico de Adorno, que "não se fechou na cultura canonizada", R. Schwarz constata: "a existência civil do espírito crítico é um fato político importante, muito raro, possivelmente mais radical do que a filiação partidária".

Adorno: Crítica e Rememoração O dossiê da revista Cult

Márcio Seligmann-Silva, professor de teoria literária e literatura comparada da Unicamp, publica um longo artigo, sob o título 'Crítica e Rememoração', sobre o filósofo T. Adorno que nasceu no dia 11 de setembro de 1903. O artigo faz parte do dossiê da revista *Cult*. Para o autor do livro 'Folha Explica Adorno', da Publifolha, "os jubileus são momentos de comemoração e rememoração. O 'grande' pensador, pintor, escritor ou político, é lembrado nestes momentos. A obra de sua vida é elogiada, seus feitos são exaltados. Tudo é festa! Nada mais paradoxal quando se trata de lembrar um autor para quem 'o momento afirmativo identifica-se com o momento da dominação' ('Teoria estética'). O 'triumfo' que desfila os 'grandes homens e feitos' caracteriza apenas uma história, diria Nietzsche, monumentalizante, que Adorno condenava. Além disso, ele não foi só avesso às simplificações que normalmente ocorrem nos 'encômios' lidos nestas ocasiões – consequência de uma visão instrumental da linguagem – como também denunciaria a relação estreita entre as comemorações e o espírito da indústria cultural". Para o autor do artigo, T. Adorno articulou crítica do conhecimento, crítica social e crítica da arte em

um pensamento expresso sob a forma errante do ensaio e escrito sob o impacto das catástrofes históricas do século XX.

O 'IHU Idéias' do dia 18 de setembro será dedicado à obra e ao pensamento de T. Adorno. O tema será: 'Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz' a cargo da Profa. Dra. Márcia Tiburi.

Frases da Semana

Privatização de serviços públicos

"A realidade tem comprovado que, quando se opta pela privatização, inclusive nos serviços públicos, estes se tornam menos acessíveis às classes populares. No caso da água, por exemplo, sua contaminação e privatização são pecados que atentam contra a dignidade humana" – Conferência do Episcopado Mexicano – **La Jornada**, 28-8-03.

Crise do mundo do trabalho

"A idéia de suprimir um dia de feriado provoca uma tempestade sindical" – manchete de primeira página do jornal vespertino **Le Monde**, 29-8-03.

"As condições para atrair capital de curto prazo destroem as condições para criar empregos" – Joseph Stiglitz, ex-vice-presidente do Banco Mundial, prêmio Nobel de Economia – **O Estado de S. Paulo**, 29-8-03.

"Não vamos vender ilusão. As reformas sindical e trabalhista não vão gerar emprego. Não vamos fazer essa mentira. Já passou uma década e todos diziam que o negócio era desregular [o mercado de trabalho]. Na Europa, na Argentina, por exemplo, as reformas não geraram emprego. O que gera emprego é crescimento econômico" – Jacques Wagner, Ministro do Trabalho – **Folha de S. Paulo**, 28-8-03.

Governo Lula visto pelo Cimi e CNBB

"Havia a esperança de que o presidente Lula agisse com rapidez e homologasse todos os processos de demarcação de terras indígenas. Mas ele tem agido com lentidão, como se fosse a continuidade do governo anterior" – D. Franco Masserdotti, Bispo da Diocese de Balsas, MA e presidente do Conselho Indigenista Missionário – CIMI – **O Estado de S. Paulo**, 29-8-03.

"Os indicadores macroeconômicos gozam de boa saúde, ao passo que os indicadores sociais sofrem de anemia crônica. De modo particular, sobe o desemprego e cai a renda média dos trabalhadores" – análise de conjuntura da CNBB – **Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo** – 30-8-03

Lula segundo Bush

"Estamos num magnífico momento de nossas relações bilaterais com o presidente Lula. Hoje, ele é o nosso principal aliado na América Latina e uma segurança de que a liberdade, o capitalismo e a democracia serão as idéias hegemônicas na região. Com ele não me preocupo" – **Veja**, 3-9-03. Segundo a revista "a louvação foi feita durante uma conversa dura entre George W. Bush e o presidente argentino Néstor Kirchner, no fim de julho. Bush mostrara-se inquieto com o avanço da esquerda na América do Sul. O argentino reagiu. Disse que não era de

esquerda, mas "peronista". E completou citando Lula como alguém de esquerda que se modernizara. Foi nesse momento que Bush soltou o derramado elogio".

Lula e a esquerda

"Em toda minha vida, nunca gostei de ser rotulado de esquerda. E, na primeira vez que me perguntaram se eu era comunista, respondi: 'Sou torneiro mecânico'" – Luís Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil – **Folha de S. Paulo**, 27-8-03 e **O Globo**, 27-8-03.

"O Lula nunca foi de esquerda. Ele não é de esquerda. É uma figura carismática cujo partido, bem como o movimento sindical, foi empurrado para a esquerda pela crise final da ditadura" – Francisco de Oliveira, sociólogo – **Folha de S. Paulo**, 27-8-03.

"O Lula, na verdade, é uma coisa extraordinária. É um católico fervoroso, praticante, temente a Deus. Criou um socialismo autóctone em São Bernardo, cujo inspirador maior, Dom Hummes, ainda está aí. Para o seu bem e também do Brasil, Lula nunca foi um quadro do partidão, submetido à hierarquia, ao pensamento único e às tolices daquele marxismo do pé quebrado que se desenvolveu no Partidão" – Delfim Netto, deputado federal, Ministro durante 13 dos 20 anos do regime militar – **Globo**, 31-8-03.

Delfim e o AI-5

"Nunca me senti desconfortável. Se vivesse as mesmas circunstâncias, eu assinava de novo o AI-5" – Delfim Netto, deputado federal, Ministro durante 13 dos 20 anos do regime militar – **Globo**, 31-8-03.

"É difícil dizer hoje o que foi justo ou injusto, o que foi excesso ou não. Certamente que a punição, por exemplo, de um grupo de professores da USP, que eu conhecia, foi absolutamente sem sentido. O caso do Fernando Henrique foi uma piada. Esse caso me amolou muito. Coitado, ele nunca foi de esquerda e nunca causou mal ao regime. Pelo contrário, é um intelectual que conhece alguns pensamentos de esquerda. Isso foi uma das coisas mais amolantes da minha vida. Aquilo foi um instante de loucura. Na verdade, o Gama e Silva trouxe para dentro do governo federal as divergências políticas existentes dentro da USP. Houve um certo abuso da parte dele" - Delfim Netto, deputado federal, Ministro durante 13 dos 20 anos do regime militar – **Globo**, 31-8-03.

Acordo com o FMI

"Um acordo ruim (com o FMI) é muito pior que não haver acordo" – Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia e ex-vice-presidente do Banco Mundial – **Folha de S. Paulo**, 28-8-03.

"Não é somente a dimensão do superávit primário, mas como defini-lo. Um dos pontos centrais dessa discussão é se os empréstimos tomados por estatais devem ou não ser incluídos na conta de déficit. Na Europa, não entram. Mas o FMI insiste em que os países da América Latina os incluam. Isso estrangula as estatais e impede o crescimento da economia" – Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia e ex-vice-presidente do Banco Mundial – **Folha de S. Paulo**, 28-8-03.

"Não me parece necessário renovar o acordo com o FMI neste momento. Acho que o País tem reservas suficientes" - John Williamson, economista, chamado de pai do Consenso de Washington, em entrevista publicada no jornal **O Estado de S. Paulo**, 26-8-03.

“Se ele (Lula) renovar o acordo como um movimento tático, para ganhar tempo, e se libertar depois dos constrangimentos que o forçam a ir ao Fundo, está bem” – Giovanni Arrighi, historiador italiano, professor da Universidade Johns Hopkins (EUA), falando sobre a possível renovação do acordo com o FMI – **Folha de S. Paulo**, 21-8-03.

Palocci segundo Delfim e Stédile

“O Palocci é o pau do circo e, por isso, não pode cair” – Delfim Netto, deputado federal – **O Globo**, 31-8-03

“O Palocci engana o Lula dizendo a ele que tem saída, que vai aparecer a saída. Mas não tem. Ele só aumentou o desemprego” – João Pedro Stédile, líder do MST – O Estado de S. Paulo, 27-8-03.

Justiça boa para os ricos

A Justiça é boa para os ricos. Você já escutou algum pobre falando "eu vou até o Supremo Tribunal Federal, mas não me curvarei a esta arbitrariedade?" - Maurício Corrêa, presidente do Supremo Tribunal Federal – **Veja**, 3 de setembro de 2003.

40 anos de “I have a dream” de M. L. King

“O sonho de King ainda não se tornou realidade” –Cleveland Sparrow, hoje pastor, e que esteve presente no dia 28 de agosto de 1963, então com 26 anos, **Libération**, 25-8-03.

“Em 1963, nós demos um passo de gigante, hoje, fazemos pequenos passos. Mas é necessário continuar” - Cleveland Sparrow, hoje pastor, e que esteve presente no dia 28 de agosto de 1963, então com 26 anos – **Libération**, 25-8-03.

“Todos os discursos naquele dia foram excelentes. Mas foi quando voltamos para casa, e ouvindo o discurso de King no rádio e as pessoas comentando, que a gente entendeu que ele fora um discurso que sinalizou uma mudança” – Cleveland Sparrow, hoje pastor, e que esteve presente no dia 28 de agosto de 1963, então com 26 anos – **Libération**, 25-8-03.

Depois de Papa Wojtyla

“Eu depois de Papa Wojtyla? Deus decidirá” – Christoph Schoenbern, Cardeal-Arcebispo de Viena, 58 anos, numa declaração dada em Rimini, Itália – **Corriere della Sera**, 28-8-03. Segundo o jornal, o cardeal, de origem nobre, é poliglota e laureado, mas muito jovem para se tornar papa.

IHU REPÓRTER

LEONEL SEVERO ROCHA

O coordenador do PPG em Direito da Unisinos, Leonel Severo Rocha, conta na edição de hoje, a experiência de ter participado na criação do Mestrado e Doutorado em Direito. Nascido em Passo Fundo, aos dois anos de idade passou a morar na cidade de Rosário do Sul, município onde até hoje vivem seus familiares. Faz sete anos que ingressou na Unisinos e, desde então, reside em São Leopoldo com a esposa e a filha. Além de suas atividades no PPG, Leonel é também pesquisador do CNPq e advogado. É autor de vários livros, entre os quais **A problemática Jurídica: uma introdução transdisciplinar**. Porto Alegre: SAFE, 1985; **Teoria do Direito e do Estado (org.)** Porto Alegre: SAFE, 1994; **A democracia em Rui Barbosa: o projeto político liberal-racional**. Rio de Janeiro: Liber Juris, 1995; **Paradoxos da auto-observação. Percursos da Teoria Jurídica Contemporânea**. Curitiba: JM, 1997; **Epistemologia Jurídica e Democracia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1998. Confira trechos da história de vida do professor:



Formação – Cursei o primário e o segundo grau em Rosário do Sul. Mudei-me, então, para Santa Maria, quando iniciei a faculdade de Direito na Universidade Federal de Santa Maria. Desde essa época da graduação, manifestou-se em mim um grande interesse pela pesquisa e pelo ensino. Senti que era esse o meu caminho. Por isso, assim que concluí a faculdade, ingressei no Mestrado em Direito, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Nessa época, foi meu professor Luiz Alberto Warat, nome de referência. Dois anos depois de ter concluído o Mestrado, fui para Paris fazer o Doutorado em Direito, onde tive a felicidade de trabalhar com Claude Lefort. Quando voltei, em 1989, já haviam criado o Doutorado na Universidade de Florianópolis. Em 1996, passei um ano na Itália, fazendo o Pós-doutorado. Lá conheci um autor fantástico, chamado Niklas Luhmann.

Profissão – Concluído o Mestrado, prestei concurso para ser professor na Universidade de Florianópolis. Passei em primeiro lugar e comecei a dar aulas direto no Mestrado. Foi assim por mais de 15 anos. Dois anos depois de ter feito o Doutorado em Paris, passei a coordenar o Mestrado e o Doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina. Na época, eram as melhores pós-graduações em Direito no País.

História de construção na Unisinos - Há cerca de 7 anos, fui contatado pela direção da Faculdade de Direito da Unisinos. Seus membros me chamaram para organizar um Mestrado em Direito aqui. Formamos uma equipe e criamos o Mestrado, que rapidamente foi recomendado pela Capes. Com o doutorado, o processo foi idêntico. Desde aquela época até hoje, coordeno os dois. Eu tinha a experiência de Florianópolis e aproveitei isso para impulsionar o crescimento aqui. A Unisinos forneceu uma excelente infra-estrutura na época, com ótimos professores. A Universidade queria trazer uma turma especial de Florianópolis para iniciar tanto o Mestrado quanto o Doutorado. Eu disse que não era necessário, que poderíamos

conseguir sozinho. E conseguimos; nem foi tão difícil. A Unisinos constituiu o primeiro Doutorado em Direito do Rio Grande do Sul. Hoje nosso Doutorado está com o conceito 5 na Capes. Estamos tentando obter o 6, que é o conceito máximo. Para mim foi muito importante participar desse processo. É muito gratificante ver tudo crescendo e evoluindo hoje e saber que eu contribuí para isso.

Família – Conheci Adriana, minha esposa, em Florianópolis. Estamos casados há 10 anos e temos uma filha de 9 anos, a Sheila. Quando criança, lembro que meus pais sempre me incentivaram muito para o estudo, e é isso que procuro passar para a Sheila quando estamos juntos, à noite, ou no fim de semana.

Livro – *Legitimação pelo procedimento*, de Niklas Luhmann. Li-o há mais de 20 anos e lembro que, na época, me senti muito desafiado pelo livro. Ele aborda questões sobre o procedimento judicial que hoje se discutem freqüentemente, mas na época foram ousadas.

Autor - Claude Lefort.

Filme – Dr. Jivago, de David Lean.

Brasil – Nosso País precisa trabalhar mais e deixar de pensar que as coisas caem do céu. As questões políticas e sociais não se resolvem só através de reformas como, por exemplo, a da previdência e a tributária. As pessoas pensam que somente a lei resolve os problemas. Não resolve.

Direito – É tudo para mim, no sentido profissional. Penso nisso o tempo todo, porque tem uma importância muito grande em minha vida. A essa altura, eu não saberia fazer outra coisa. Tudo isso pode ser suspeito, porque nós, professores, sempre achamos nossa área a mais importante das ciências.

Unisinos – É uma excelente Universidade, que finalmente despertou para o desenvolvimento do seu potencial. Ela era muito modesta e não sabia do seu verdadeiro alcance. Falo isso me referindo aos novos projetos, da Unicidade e o próprio Sinergia. Minha proposta é a de que podemos ser uma das melhores universidades do mundo se continuarmos investindo nessa mudança de mentalidade que agora se vê.

IHU – É um órgão muito importante dentro da Unisinos, que tem esse lado humanista, contribuindo com pesquisa, publicações e atividades que englobam esse tema.

Um grande sonho – Não tenho grandes sonhos. Já consegui tudo o que queria na vida. Conquistei meu espaço como professor e intelectual, constituí família, fiz viagens pela Europa. Agora pretendo manter tudo isso. Utopicamente, meu sonho é que o Lula consiga fazer o Fome Zero funcionar.

IHU EVENTOS

IHU IDÉIAS

Na última sessão do **IHU Idéias**, dia 28 de agosto, tratou-se do tema *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica*. O Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut, professor na PUC/RS, conduziu o debate, comparando a Igreja Universal do Reino de Deus com uma empresa, ao fornecer dados que surpreenderam os participantes do evento. “A Igreja Universal tem uma feição escancaradamente empresarial e sua administração é racional e centralizada. Os pastores e obreiros são reles funcionários, e os fiéis são apenas freqüentadores. Não há participação; não há democracia”, explica.

Ecos do Evento

“Foi muito interessante, porque o professor forneceu dados impressionantes sobre o que uma suposta igreja pode fazer. Só acho que deveria haver mais esclarecimento e sair do nível universitário, para locais onde as pessoas não têm acesso a essas informações”.

Erno Scheffler, aluno de Teologia do Seminário Concórdia, de São Leopoldo.

“Achei esse evento ótimo, acolhedor, bem organizado e simples no sentido da linguagem. O professor usou de um discurso para leigos sem subestimá-los. Muito bom.”

Paulo Murilo Morales Farias, aluno do curso de Psicologia.

Confira a programação do **IHU Idéias** no mês de setembro:

04/09/03 – “*Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho*” – Prof^a. Dr^a. Márcia Lopes Duarte, professora na Unisinos

11/09/03 – “*11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*” – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUC/RS

18/09/03 – “*Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*”- Prof^a. Dr^a. Márcia Tiburi - Professora na Unisinos

25/09/03 – “*A domesticação do exótico*” – Prof^a. Dr^a. Paula Caleffi, professora na Unisinos

O **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras. A partir da próxima edição, as sessões acontecerão sempre na sala 1G119, junto ao IHU, das 17h30min às 19h. Ao final da explanação, sempre são servidas bebidas: chocolate quente, café e água.

SETEMBRO É MÊS DE NOVIDADE NO IHU

No próximo dia 30 de setembro, na sala 1G119 (junto ao IHU), o Instituto Humanitas Unisinos inicia uma nova atividade, denominada **Sala de Leitura**. Periodicamente, o IHU oferecerá a oportunidade para que colegas do corpo discente da Unisinos possam apresentar os seus livros publicados a partir de 2003. O evento, sempre no final da tarde, consistirá na apresentação do livro por parte do autor, com duração em torno de 40 minutos.

A seguir, será feita uma leitura, pelo autor ou por alguém que o mesmo queira convidar, de um trecho do livro. O evento conclui com alguns minutos de debate e uma sessão de autógrafos. Será servida uma bebida aos participantes.

INTERATIVO

Cartas do Leitor

Lemos com grande interesse o Boletim IHU nº 72, e estamos felizes em ter contribuído com a primeira parte: "Transgênicos em debate". O trabalho em rede está ajudando bastante os jesuítas que trabalham nesta área e que lutam pela causa dos pobres. O padre Peter Henriot falou ontem com o Núncio em Zâmbia, e o padre Fernando Franco (responsável pelo Secretariado de Justiça Social da Cúria da Companhia de Jesus em Roma), escreveu ao Arcebispo Martino (responsável pela tomada de posição do Vaticano sobre os transgênicos e cujas declarações publicamos no IHU On-Line número 72, de 25 de agosto de 2003)

Juntos no Senhor,
Sergio Sala S.J.
Social Justice Secretariat
Roma Prati, Italy

Parabéns ao IHU On-Line por ter sido referência para Luis Nassif, na pg. 3 do Caderno Dinheiro da Folha de S. Paulo, desta quinta-feira, justificar posicionamentos ante a polêmica presença da Onu no Timor Leste.

Com admiração,
Attico Chassot, professor do PPG em Educação da Unisinos

*Reproduzimos a seguir uma mensagem enviada pelo prof. Attico Chassot ao colunista Luis Nassif, da **Folha de S. Paulo**, uma vez que a mensagem foi enviada com cópia a nós.*

Senhor Luis Nassif,
Permita-me, ao me declarar seu leitor, encantado especialmente com as crônicas deste e do domingo anterior, informar que o IHU On-Line - referido em seu esclarecedor artigo desta quinta-feira - é uma das excelentes realizações do Instituto Humanitas (www.ihu.unisinos.br) da Unisinos, uma pujante Universidade jesuítica do Rio Grande do Sul.

Com admiração,
Attico Chassot

Sala de Leitura



“Agora estou lendo o livro **Perdas Necessárias**, de Judith Viorst, Editora Melhoramentos, 1998. (Tradução do inglês *Necessary Losses*) É um livro de auto-ajuda, com sucesso internacional e indicado por muitos psicólogos como auxiliar nos processos de autoconhecimento. Trata da condição humana em que as perdas fazem parte das experiências necessárias para o desenvolvimento emocional das pessoas. O livro divide-se em quatro partes: O eu separado; O proibido e o impossível; Conexões imperfeitas; Amar, perder, abandonar, desistir. O título do livro poderia ser Perdas e Ganhos. Falta nele uma afirmação mais forte de solução cristã para o peregrinar do ser humano na terra e seu destino imortal”.

Prof. Dr. Sebald Back, doutor em Lingüística e Letras e professor do Centro de Ciências da Comunicação



“No último sábado, dia 30 de agosto, terminei de ler o segundo volume da trilogia **Aléxandros** de Valério Massimo Manfredi. O primeiro volume se chama **O Sonho de Olympias** e o segundo **As areias de Amon**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. O terceiro ainda vou comprar. É a história romanceada de Alexandre o Grande apresentada de um ponto de vista bem favorável (ele foi um genocida na realidade). É muito agradável de ler, bom para passar uma tarde sem compromisso. Tem algumas licenças ousadas colocando situações modernas, como Aristóteles agindo como um detetive para descobrir quem matou Felipe, o pai de Alexandre. Não é especial mas é bom”.

Prof. Dr. Luiz Henrique Ronchi, doutor e mestre em Geologia e professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas

MEU CLÁSSICO

Prof. Dr. José Roque Junges responde

*Na edição de hoje, quem fala sobre seus autores de referência é o Prof. Dr. José Roque Junges, professor no PPG em Saúde Coletiva na Unisinos e participante do grupo temático Teologia do Instituto Humanitas Unisinos. Doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, PUG, Itália, mestre em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Chile, UC, especialista em História, pela Unisinos e graduado em Filosofia, pela PUCRS, Junges é autor dos seguintes livros: **Ecologia e criação – Resposta Cristã à crise ambiental**. São Paulo: Loyola, 2001; **Evento Cristo e Ação Humana: Temas fundamentais da Ética teológica**. São Leopoldo: Unisinos, 2001; **Bioética: perspectivas e desafios**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999. Do Prof. Roque já publicamos uma entrevista no IHU On-Line número 48, de janeiro de 2003.*

Quais os autores que mais o influenciaram em sua formação intelectual?

No âmbito da Teologia o maior referencial foi Karl Rahner, um dos maiores teólogos do século XX, que teve um papel fundamental nas mudanças que ocorreram na Igreja Católica no Concílio Vaticano II. Jesuíta de grande envergadura intelectual, tentou compreender os conteúdos da fé cristã no contexto da cultura moderna. Na esteira do pensamento de Rahner, tive dois professores de Teologia moral, Joseph Fuchs e Klaus Demmer, que foram

fundamentais para minha formação intelectual como teólogo moral. Na história da ética, Tomás de Aquino e Emmanuel Kant, foram fundamentais para a aquisição de algumas categorias morais básicas.

Quais são os autores que mais respondem a suas inquietações atuais?

Charles Taylor, na sua análise da modernidade; Humberto Maturana, na sua explicitação do vivo; Fritjof Capra, em sua caracterização do paradigma ecológico.

Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção?

Atualmente minha atenção intelectual está voltada para o pensamento da complexidade de Edgar Morin, explicitado nos cinco volumes da sua obra **O método**.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó, Pedro Osório e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: Ihuinfo@poa.unisinos.br Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS